



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

MARIA JOSÉ SANTOS DIAS

Mazé em: *Águas em Mim* - um Rio em Cena

MACEIÓ
2021

MARIA JOSÉ SANTOS DIAS

Mazé em: *Águas em Mim - um Rio em Cena*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de licenciada no Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Alagoas.
Orientador (a): Profª Drª Kamilla Mesquita Oliveira.

MACEIÓ
2021

**Catálogo na fonte Universidade
Federal de Alagoas Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

D541d Dias, Maria José Santos.

Mazé em : Águas em mim - um rio em cena / Maria José Santos Dias. – 2021.
60 f. : il. color.

Orientadora: Kamilla Mesquita Oliveira.

Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Dança) – Universidade Federal
de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 59-60.

1. Dança. 2. Conto. 3. Relato de experiência. I. Título.

CDU: 792.83



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC

Aos 31 dias do mês de maio do ano de 2021, às 11 horas, realizou-se, via plataforma google meet a sessão de Apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso — TCC intitulado: Mazé em *Águas em Mim* - um rio em cena, da discente Maria José Santos Dias, número de matrícula: 14111674, do Curso de Licenciatura em Dança como parte dos requisitos para conclusão do Curso. A Banca composta por:

- 1) Professora Orientadora: Prof^o Dra. Kamilla Mesquita Oliveira ICHCA/ Licenciatura em Dança
- 2) Membro: ProP Dra. Joana Pinto Wildhagen — ICHCA/Licenciatura em Dança
- 3) Membro: Prof. Dr. José Acioli da Silva Filho — ICHCA/ Licenciatura em Teatro.

Após arguir a discente, deliberou-se: Aprovar o Trabalho de Conclusão de Curso TCC, atribuindo-lhe nota 10.

Observações: A banca ressalta a qualidade do trabalho e recomenda fortemente a publicação do mesmo.

Prof^a Dra. Kamilla Mesquita Oliveira

Prof^a Dra. Joana Pinto Wildhagen



Documento assinado digitalmente
Jose Acioli da Silva Filho
Data: 28/06/2021 16:48:12-0300
CPF: 725.773.124-15
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. José Acioli da Silva Filho



FONTE: DIAS (2019)

Entrego, confio, aceito e agradeço.

Dedico este trabalho à minha amiga e irmã de alma Vincentina Dalva Lira de Castro, nossa eterna Dalvinha. A ti, minha querida irmã, todo meu amor eterno. Deixo a minha eterna gratidão dançante pelo que tu foste para mim. Tu que sempre me incentivaste a dançar a minha essência. Dançar livre, com a alma de uma criança dançarina, feliz de pés no chão. Gratidão!

Agradecimentos

Venho aqui agradecer à todas, todos à todes, que fizeram possível um sonho de menina realizado. Quero agradecer em primeiro lugar a mulher mais importante da minha vida, em memória, minha amada mãe Cícera Maria dos Santos Silva. Esta que me incentivou e que acreditou que eu chegaria até aqui. Lembro-me das suas últimas palavras que me confidenciou umas duas horas antes de fazer a passagem expressada em um sorriso, que tinha tido um sonho lindo comigo – no sonho ela tinha assistido a minha formatura, na Universidade Federal de Alagoas, eu ainda finalizava o ensino normal (antigo pedagógico), mas ela já acreditava que era possível.

Agradeço às minhas irmãs que me ajudaram nesta caminhada, tanto as biológicas, quanto as do coração que estenderam as mãos e me acolheram, agradeço à: Gizelda Santos Dias, Genilza Santos Dias, Maria Helena da Silva, Maria Raimunda da Silva, irmãs de sangue, Arilene de Castro, Dalva de Castro, Maria Linete Matias, M. Mércia, irmãs do coração. Tia Vera Lucia dos Santos.

Agradeço às minhas professoras que estiveram comigo me incentivando e dando força nesta jornada: Isabelle Pitta, Noemi Loureiro, Paula Caruso, Joana Pinto, Kamilla Mesquita que seguraram a minha mão até o fim desta jornada, e a inesquecível P.h.D. Nadir Nóbrega de Oliveira que me fortaleceu como mulher preta nordestina alagoana, que nunca me deixou faltar ânimo para continuar essa jornada. E a professora Rísia Lessa, obrigada por todo carinho e por me acalmar sempre que eu estava triste e muito cansada.

Agradeço aos homens que fizeram a diferença na minha vida, em especial meu pai José Dias, que me educou da melhor maneira que pode, nos ensinou a entrar e sair, com respeito e dignidade. Agradeço por todos esforços e empenho que ele teve para me manter nos estudos. Agradeço aos meus irmãos Lionã Santos Dias e Lionaldo Santos Dias, e ainda meus amigos irmãos da *Olha o Chico*: Jasiel Martins, Igor de Castro, Manuel Silvestre, Túlio, Emerson e outros que estiveram na minha caminhada. Carmem Roberta a ilustradora. Adriana, Vânia, Alice Veiga e Rodrigo Filho, entre outras.

Agradeço aos professores: José Acioli que me ajudou na escolha da pesquisa, e a quem sou grata por sua ética e dignidade, por me fazer ver a melhor orientadora para o meu trabalho. Grata ao professor José Rafael Madureira por me orientar na montagem cênica, obrigada ao professor Antônio Lopes por me oferecer o primeiro livro, e que me fez pensar e acreditar que eu conseguia compreender a dança em mim.

Agradeço aos amigos e amigas do curso, por todas as descobertas que fizemos juntos. Obrigada ao Jailton que muito me ajudou com estudos corporais e a percepção do movimento. Agradeço a minha amiga Angélica Maria Alves que esteve comigo, ajudando no que pode, na montagem, na correção e finalização do meu TCC. Agradeço aos demais colegas residentes da moradia estudantil, com os quais compartilhei o espaço de convivência, os sonhos, as expectativas e o café. Grata à todas as tias e tios do R.U. que fazem com todo carinho nossa alimentação e ainda os que limpam os espaços da residência, e os vigilantes, que cuidam de nós residentes, meu muito obrigada!

Gratidão ao sistema de cotas, que proporcionou a minha entrada na Universidade Federal de Alagoas. Agradeço aos incentivos sociais que me deram suporte na permanência no curso e na universidade. Gratidão aos ex-presidentes Lula e Dilma que prezaram pela entrada dos pobres, pardos, pretos e estudantes de escola pública no universo acadêmico.

Agradeço a reitora Valéria Correia e toda sua equipe que me ajudaram na permanência dos meus estudos. Grata a PROEST, na pessoa da assistente social Manuela que aguentou todos os meus desabafos. Obrigada aos motoristas de ônibus que me esperaram para que eu não me atrasasse para chegar à aula. Gratidão aos motoristas que me deixaram entrar pela porta lateral, os que me deixaram descer na frente, gratidão aos que com um pequeno gesto contribuíram para que eu hoje esteja aqui finalizando o meu curso. Gratidão à banca que se dedicaram a ler o meu trabalho e cujas contribuições melhora e fortalece a minha pesquisa.

Obrigada a todas as pessoas que tornaram a minha vida possível deixando-a mais leve. Obrigada a Meire, Diogo Onorato, Mayverson, Jeyssi Luiza, Silvano, Jonatha, Everlane, Morgana, Keilla, Aline, Jeferson, Fiama e minha pequena linda Flora: a todos a minha gratidão por tornar momentos felizes, muitas das vezes ajudando-me, com toda paciência, a sair de momentos de tristeza profunda. Gratidão pelo carinho e o amor de todos que me ajudaram a superar as dificuldades e completar os meus estudos.

Resumo

Mazé em: Águas em Mim - um Rio em Cena é um relato de experiência poético - pautado metodologicamente na pesquisa performativa - e abraçando o formato de um conto infantil que descreve a trajetória do processo criativo da montagem cênica *Águas em Mim*. O conto leva o leitor a adentrar o mundo de *Mazé* e com ela descobrir caminhos através da vivência revivida e despertada pelo viés dos sonhos; sonhos que se misturam com o real. Os sonhos acordados e os sonhos sonhados, carregados de símbolos que despertam a dança dentro de *Mazé*. Esta personagem descobre o como dançar o rio através das lembranças da infância. Ela é uma menina que gosta de observar a natureza e com ela criar a sua dança, e ao se juntar com suas novas amigas *Cora* e *Kame*, nos mostram que podemos dançar com o que temos e conhecemos, podemos dançar com os movimentos da natureza. Com o rio, a pesca, as lavagens de roupa, o vento e com toda imaginação de uma pequena criança, vivida e revivida. A trajetória é narrada pela contadora de histórias que vivem dentro dessa pesquisadora que aqui escreve.

Palavras-chaves: Dança; Conto; Relato de Experiência; Montagem Cênica.

Abstract

Mazé in: Waters in me - a river in scene is an account of poetic experience - methodologically based on performative research - and embracing the format of a children's tale that describes the trajectory of the creative process of the scenic montage *Waters in Me*. The tale leads the reader to enter into the world of *Mazé* and with it discovering new paths through the revived experience and awakened by the bias of dreams; dreams that blend with the real. The awake dreams and dreams dreamed, loaded with symbols that awaken the dance within *Mazé*. This character discovers how to dance the river through childhood memories. She is a girl who likes to observe nature and with her create her dance, and by joining new friends *Cora* and *Kame*, she show us that we can dance with what we have and know, we can dance with the movements of nature. With the river, fishing, washing, wind and with all the imagination of a small child, lived and revived. The trajectory is narrated by the storyteller who lives within this researcher who wrote this work.

Keywords: Dance; Tale; Experience Report; Scenic Montage.

LISTA DE IMAGENS

Figura 01 - Pesquisa de movimento para à dança. Foto: Jasiel Martins (2019).

Figura 02 - Pesquisa de movimento para à dança. Foto: Jasiel Martins (2019).

Figura 03 - Um olhar para o como dançar. Foto: Jasiel Martins (2019).

Figura 04 - Imagem da Ilha no baixo São Francisco representando a casa de Mazé, a menina que aprendeu a sonhar. Foto: Jasiel Martins (2018).

Figura 05 - Imagem de *Mazé* mergulhada em suas angústias em busca de descobrir o como dançar o Rio, Desenho criado pela Carmem Roberta, através das descrições contidas no conto, com a técnica de ilustração digital.

Figura 06 - Imagem Início do sonho de Mazé encontro com IZA personagem inspirada em Isadora DUNCAN. Ilustração digital de Carmem Roberta.

Figura 07 - Imagem de *Mazé* flutuando no rio, o sonho dentro do sonho, *Mazé* quando criança. Ilustração digital de Carmem Roberta.

Figura 08 - Imagem das meninas *Cora* e *Kame*. Ilustração digital de Carmem Roberta.

Figura 09 - Imagem do Mero peixe das duas águas, lenda ribeirinha; Ilustração digital Carmem Roberta.

Figura 10 - Imagem da Mãe D'água. Ilustração digital de Carmem Roberta.

Figura 11. Imagem do Velho Chico, persona criada que personifica o rio. Ilustração digital de Carmem Roberta.

Figura 12 - Fotografia do protótipo do barco de emborrachado e da vela, feito de recorte de tecido nas cores da bandeira verde e amarela, foto tirada do meu celular de Maria José Santos Dias, criação também de Maria José Santos dias / *Mazé*.

Figura 13 - Barcos que embasa os emborrachados.

Figura 14 - Fotografia do croqui do figurino baseado no sonho de criança, desenhado por Maria José Santos Dias/*Mazé* e feito pela Costureira e professora de costura da Escola Técnica Arte – ET, Andreia Cavalcante.

Figura 15 - Imagem do abraço de gratidão da pequena criança da plateia que prestigiou o espetáculo. Ilustração digital, Carmem Roberta.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: O PORQUÊ DO CONTO.....	12
1.1 Instruções para leitura.....	16
2. CARTA AO MEU AMIGO RIO.....	17
3. A MENINA QUE APRENDEU A SONHAR/O TESOURO DE MÃE D'ÁGUA.....	20
4. DESCRIÇÃO DOS PERSONAGENS DO CONTO: MAZÉ EM ÁGUAS EM MIM – UM RIO EM CENA.....	23
4.1. Personagens baseados em pessoas reais	23
4.2. Personagem de Outro Conto.....	25
4.3. Personagens Fantásticos.....	25
5. MAZÉ EM: ÁGUAS EM MIM: UM RIO EM CENA.....	29
5.1. O sonho dentro do sonho.....	29
5.2 O despertar.....	42
5.3 O figurino e o cenário.....	43
5.4 O Grande Dia.....	45
6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	47
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
8. REFERÊNCIAS.....	60

1. Introdução: o porquê do conto

O presente trabalho é um relato de experiência escrito na forma performativa e criativa de conto, que tem o nome *Mazé em: Águas em Mim - um Rio em Cena*. Descrevo esse processo criativo dando vida aos personagens baseados em pessoas reais e fantásticas, estes que contarão a trajetória da montagem cênica *Águas em Mim*. Para me ajudar e começar a escrever esse relato, antes, fiz releitura de livros infanto-juvenis. Sempre gostei dos contos, os mesmos foram e ainda são grandes companheiros.

(Os contos) Como narrativas orais, isto é, sem autoria conhecida e transmitidas de geração em geração, anonimamente, são relatos que se desenvolvem no terreno do imaginário, domínio da fantasia: contos “maravilhosos”, de “fadas”, contos “populares”, de “ensinamento”. Essas são denominações que surgem nas classificações de variados estudiosos, cada um a seu modo inventando e definindo seus termos de referência, de acordo com seus pontos de vista particulares. Por isso não existe uma única designação com a qual todos os autores concordem, o que, do meu ponto de vista, não tem importância. O que considero relevante é o fato de todas as culturas humanas, desde a antiguidade mais remota, terem produzido e continuarem a produzir narrativas destinadas a expressar, transmitir e perpetuar um certo tipo de conhecimento. São modos de compreender os trajetos de desenvolvimento do ser humano, visões que envolvem aspectos fundamentais do relacionamento das pessoas com elas mesmas e com os outros, em determinados lugares, momentos e situações. (MACHADO, 2004, p.9)

Os contos têm narrativas curtas que nos levam para mundos mágicos, assim como os sonhos de uma criança que ainda não foi contaminada com o mundo tecnológico. Sonhos alimentados pelo imaginário contido nos contos apresentados pelos pais que trazem o conhecimento e a magia sejam pela leitura ou pela transmissão oral.

Pais – no meu caso, mais especificamente uma carinhosa mãe que lia para seus filhos antes de dormir aproveitando os últimos raios do sol e o brilho do fogo no crepitar da fogueira, em um terreiro que fica de frente para a nascente e para o rio em uma pequena casa de taipa coberta com palha de coqueiro.

Pois, essa tradição de contar histórias e contos, em minha família é uma forma de nos deixar acordados, reunidos e embebidos no desejo de ouvir o que vinha logo após o “era uma vez”, enquanto esperava o nosso pai chegar da pesca.

Os contos nos embalavam nos nossos sons e nos levavam para o mundo da imaginação, dos desejos e das descobertas. Pensando na estrutura do conto, podemos ver que o mesmo é estruturado semelhantemente a uma coreografia. Pode-se ver que ele tem tempo, espaço, enredo e conflito. Eu poderia dizer que uma coreografia também conta uma história da relação do corpo com o tempo-espaço; e seu enredo é composto pelos movimentos do corpo, o Espaço, a música e a plateia, então, dançar é também uma maneira de contar histórias com o corpo.

Para que eu possa adentrar a escrita do relato de experiência em formato de conto, embaso-me, metodologicamente na pesquisa performativa de Brad Haseman. Procurei entender melhor tal forma de pesquisa, para então escrever a minha neste viés, tentando compreender o como fazer a escrita do relato de experiência nessa perspectiva.

Ao ler o *Manifesto pela pesquisa Performativa* percebe-se que (HASEMAN, 2015) dá aporte à escrita do artista, dando a liberdade de criação ao artista-pesquisador que não precisa se afastar dos dados sensíveis de sua pesquisa ao relatá-la, mas sim, se apropriar destes como um modo performativo de escrita.

Busquei escrever como se estivesse dançando, divertindo-me no criar da pesquisa, tanto a corporal, como a apresentação no palco, assim também na escrita da narrativa dessa experiência. O *Manifesto pela Pesquisa Performativa* (HASEMAN, 2015) vem logo no seu resumo destacando a importância desta para fundamentação da escrita artística, apresentando-se como um paradigma de pesquisa inteiramente novo, pois:

Este artigo analisa a dinâmica e importância da pesquisa guiada-pela-prática e argumenta para que ela seja entendida como uma estratégia de investigação dentro de um paradigma de pesquisa inteiramente novo – Pesquisa Performativa. Recebendo o seu nome a partir da teoria dos atos de fala de J.L. Austin, a pesquisa performativa permanece como uma alternativa aos paradigmas qualitativos e quantitativos, insistindo em diferentes abordagens para projetar, conduzir e relatar a investigação. O artigo conclui observando que uma vez compreendido e teorizado, o paradigma da pesquisa performativa terá aplicações para além das artes e em toda a indústria criativa e cultural em geral. (HASEMAN, 2015, p.41).

Decidida a adentrar no universo dos contos e assumi-lo como ferramenta metodológica da minha pesquisa, decidi revisitar o universo dos contos, e também relembrar as lendas do *Negro d'água*, *Mãe d'água*, *Mula sem cabeça*, *Peixe Mero*, e outras lendas.

Reli *Kofi* e *O Menino de Fogo*, de Nei Lopes (2008); *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry (1989); *A Gata Diana Na Terra Do Pastoril*, de Carol Almeida (2015); *História Da África*, de Gina Mhlophe (2009); *Cora Decide Dançar*, de Ana Carolina Klacewicz (2016); além dos livros de escritoras e dançarinas, como Nadir Nóbrega Oliveira - *Sou Negona Sim Senhora* (2017); Inaicyrá Falcão dos Santos - *Corpo E Ancestralidade* (2014); e também artigos do livro *Superando O Racismo Na Escola*, de Kabengele Munanga (2005) e o *Manifesto pela Pesquisa performativa* de Brad Haseman (2015). Busquei nesses livros inspiração e fundamentação para fazer a melhor escrita do meu relato de experiência.

Mas, faço aqui um breve recuo no tempo, e começo a contar-lhes como se deu o desejo primeiro dessa forma de escrita. Tudo começou no início da disciplina *Composição Coreográfica*, quando a professora Kamilla Mesquita Oliveira apresentou o trabalho de conclusão de curso da estudante de dança Ana Carolina Klacewicz (2016) - um trabalho

maravilhoso escrito no formato performativo de um conto, no qual os personagens são baseados em pessoas reais, coreógrafos renomados da história da dança, professora e amigos do curso, e personas fantásticas, criadas por ela.

A autora deste trabalho nos convida a ir junto com a protagonista – *Cora* - trilhar caminhos que nos levam a dança. O enredo é traçado pela protagonista *Cora*, que antes da história, busca pela descoberta de como criar a sua composição coreográfica, nos leva a conhecer o dilema de escolha dos mundos em qual ela vai de fato ficar.

Sendo que essa escolha não é, de fato, sua, mas, das *Vrúscas* - uma espécie de fadas que definem os caminhos das pessoas e os seus mundos; e então as manda para o lugar onde elas acham que essa tem mais habilidade. Porém, *Cora* foge desse padrão, ela é a exceção; então, é mandada para dois mundos diferentes: o *Mundo de Palavra Escrita* e o *Mundo de Palavra Dançada*.

Esse “entre mundos” das *Vrúscas* me parece com uma analogia ao seio materno, e o medo de sair, medo de encontrar-se lá fora. As *Vrúscas* escolhem os seus caminhos. E com essas escolhas *Cora* tem uma vida de incerteza e muitas dúvidas em relação a qual mundo pertence: ao *Mundo de Palavra Escrita*, ou ao *Mundo de Palavra Dançada*.

A autora Ana Carolina Klacwicz (2016) dá o protagonismo à *Cora* – que ao meu compreender é seu *alter ego*. Com ela também estão as duas amigas companheiras do curso de Dança: Laura e Úrsula; a professora-orientadora Ana Paula; e os coreógrafos renomados da Dança, com nomes fictícios: Merce Cunningham (Can); Pina Bausch (Piba); e Trisha Brown (Brisha).

Com o estudo da disciplina *Composição Coreográfica* fomos instigados a fazer um diário de bordo e, como nota final, um relatório em formato de carta, endereçado para uma pessoa real ou fictícia, contando como foi o processo de estudo na referida disciplina.

Escolhi escrever para o meu amigo Rio São Francisco. Depois da minha carta escrita e entregue à professora Kamilla, ela me pergunta se eu não gostaria de escrever o meu TCC como o da autora Klacwicz, no formato de um conto. Bem, naquele momento eu não me via fazendo um conto para o meu TCC. Mas, durante a disciplina *Dança Educação*, o professor doutor José Rafael, em conversa com os alunos, procurando conhecê-los, fica sabendo onde eu nasci e de onde vinha meu carinho pelo Rio São Francisco.

Certo dia, em conversa, falando sobre o Rio e a importância das águas, ele me perguntava: “Porque você não dança o seu amado Rio de águas preciosas? Ele é tão importante para você, dance o Rio”. Essa pergunta me inquietava e eu comecei a pensar na possibilidade de eu dançar o Rio. Fiquei pensando sobre isso. Como eu dançaria o rio? Sempre que ele me

via, perguntava: Já dançou o Rio? A maioria das vezes eu ficava rindo, e perguntava: Como vou dançar o Rio, professor?

Foi aí que na disciplina *Montagem Cênica* ministrada pela professora Kamilla Mesquita, me vem à possibilidade de pensar, criar, ensaiar e apresentar uma montagem sobre o Rio. Sabendo do histórico de como a ideia para a montagem da coreografia surgiu, a professora Kamilla deu toda liberdade para que o professor Rafael me orientasse durante a criação. Junto com ele, tive ajuda da colega e monitora da disciplina *Montagem Cênica*, Angélica Maria Alves, que me acompanhou em todos os ensaios. A professora Kamilla assistiu a um ensaio aberto para apenas ela e os colegas da turma darem algumas contribuições.

A criação foi minha, com as colaborações já citadas. Foi pensada no que aprendi durante os estudos no curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Alagoas e também durante a minha vida, mais precisamente no decorrer da infância. As ideias iniciais nascem da junção entre o estudo do conto *Cora Decide Dançar* de Ana Carolina Klacewicz (2016) e a escrita do relatório em formato de carta, feito para a disciplina *Composição Coreográfica*. Crio também, baseada em sonhos da minha infância que foi matéria-prima para a criação do conto *A menina e o tesouro da Mãe D'água* – parte integrante da dramaturgia do espetáculo que recebe o nome *Águas em Mim*.

Eu já vinha escrevendo sobre minha experiência num projeto de extensão, mas a intimidade que tive com os objetos usados em cena, o material pesquisado, até meu corpo que falava mais verdadeiro e me remetia a toda uma magia revivida de infância quando fui ao Rio mergulhar e pesquisar os movimentos. Estava tudo mais vivo, mais suave em mim. A partir daí, procuro meu orientador – professor Dr. José Acioli – e ele, muito sabiamente, explica que não seria ético assumir a orientação de um trabalho que havia sido iniciado por outros. Diz ainda que se nenhum dos dois professores se prontificasse a me orientar no TCC, ele assumiria e não teria problema de trocar de objeto de pesquisa. Assim, a professora Kamilla passa a ser a minha orientadora na escrita desta monografia.



Figura 01 e 02. Pesquisa de movimento para dança. Foto: Jasiel Martins (2019).

A forma de escrita em conto, que fui tendo, contando e desenvolvendo nos últimos anos, me impulsiona a desenvolver meu Trabalho de Conclusão de Curso nesse gênero. A pergunta de Kamilla no fim da disciplina *Composição Coreográfica* começa a fazer todo sentido. Posso de uma forma poética, narrar a experiência da montagem cênica com leveza, visto que o professor José Acioli e a professora Kamilla me falaram, em diálogo de orientação, que eu deveria discorrer o TCC valorizando a forma poética de escrita que me é peculiar.

Assim sendo, surgem personagens que junto comigo, na pessoa de *Mazé*, vão construindo essa narrativa criativa. Para que não fique confuso vamos entender melhor - A maneira como nomeei as criações desta pesquisa – *ÁGUAS EM MIM* é o nome da minha Montagem Cênica (2019), esta que é pesquisada, ensaiada e apresentada no palco. *MAZÉ em ÁGUAS EM MIM - Um Rio em Cena* é o nome do conto que traz a narrativa do relato de experiência vivenciado durante o processo de criação e montagem, ou seja, é o conto-pesquisa que compõe o presente trabalho.

1.1 Instruções para leitura

Você pode escolher a melhor maneira de fazer a leitura desse trabalho, pode começar por onde quiser, use a sua criatividade, pode começar pelo conto *MAZÉ em Águas em Mim - Um Rio em Cena*, ou pelo Conto *A Menina e o Tesouro da Mãe d'água*; ou pela leitura da *Carta*

ao Rio; ou ainda pela *Descrição dos Personagens*. Você pode fazer um sorteio, e se divertir com a leitura, pois assim como a criação de uma coreografia, que estudamos células coreográficas e depois vai sendo organizada em uma coreografia, esse trabalho dá possibilidade para montar a melhor forma de fazer a sua leitura. Dance com a leitura deste trabalho. Eu não sei por onde você vai começar, gosto de pensar que sou uma fada e então transformo as coisas que toco para que eu possa me divertir.

Bem os (as) senhores/as devem estar pensando que eu deveria lidar com uma escrita acadêmica, tão logo, não devo escrever de qualquer forma. Mas, não estou escrevendo de qualquer forma, estou escrevendo de um jeito divertido e curioso, coerente com o fazer artístico. Aqui você vai compreender o meu processo de pesquisa, e os passos que segui até chegar aqui, nesse relato de experiência.

Pesquisar a dança no corpo, observando a natureza, entendendo o tempo, o Espaço, tempo acelerado, movimento contínuo, fluidez, reconhecendo que fazemos arte desde muito pequeninos e que a mesma pode ser compreendida globalmente, descobrindo que podemos fazer uma coreografia a partir de nossas lembranças da infância – assim como o fiz em *Águas em Mim*.

Ah! Vamos lá! Não tenha medo de vir com *Mazé* e fazer a sua própria coreografia. Vem e escolha a melhor forma de ler, mas, se não quiser... hum! Pode começar pela forma tradicional e faça a sua leitura. O importante é abrir-se para deixar a imaginação fluir, deixe que flua a sua imaginação e com ela venha dançar conosco... ops! Quer dizer, com *Mazé* - essa que vos fala no conto, e deixa-nos toda entusiasmada para fazer essa coreografia cheia de sonhos, realidade e encanto. Vem, vem conosco vem.

2. Carta ao meu amigo Rio¹

É com grande carinho que te envio essa carta que escrevi para você, meu bom amigo. Quis escrever esta carta para te falar o quanto tu foste e ainda é importante para mim. Lembra que no primeiro instante do dia quinze de junho de 1975 eu nascia, silenciosa, sufocada pelo cordão umbilical, que fez a senhora e experiente parteira falar para meu pai do meu provável óbito, depois de tentar reanimar-me sem muito sucesso. Porém, algum instante depois, estava eu ali dando os primeiros sinais, que eu teria de ser muito forte, valente e guerreira para

¹Esta foi à carta escrita como trabalho final da disciplina *Composição Coreográfica* – um dos primeiros disparadores do desejo de “Dançar o Rio” e posteriormente me aventurar nessa pesquisa de uma escrita performativa. Vale ressaltar que trechos desta carta foram transpostos no formato de vídeo, que por sua vez, foi parte integrante do espetáculo *Águas em Mim*.

sobreviver neste mundo surpreendente, cheios de obstáculos, mas, com muitas coisas maravilhosas, uma delas és tu.

Você é extraordinariamente maravilhoso, pois há muitos e muitos anos tu nascias e se eu for analisar, a tua gestação foi semelhante a minha, exceto pelo tempo ocorrido. Pois para que tu hoje venhas a ser este rio caudaloso, que muitos seres humanos desejam explorar, represar, transportar, poluir etc.; em um tempo que desconheço, tu foste uma gotinha caindo do céu e escorregando no vão entre as pedras, indo parar no mais profundo escuro subterrâneo.

Ao se juntar com tantas outras gotinhas ao longo dos tempos foste enchendo todo os vãos subterrâneos e assim virou um grande rio subterrâneo, sem ter para onde crescer a mãe terra abre-se em um pequeno vão; e deste tu nasces, pequeno e frágil. Porém ao descer das serras, tu ganhas forças e ao se encontrar com outros rios e igarapés se fortifica e te enche de sabedoria. Seu maior desejo é chegar ao mar, mas, para tal, você precisa superar muitos desafios.

Assim foi comigo também. Para que hoje eu esteja te falando essas coisas, um dia, no útero de minha mãe, eu era apenas um óvulo e ao juntar com um pequeno espermatozoide de meu pai, em poucos dias resultava em milhares de células, e em nove meses eu nascia, assim também, por um pequeno vão aberto em minha mãe, eu escorregava pequena e frágil. Porém, quando eu nasço, você já era imponente!

Tu já sabias muito e tinha muito a me ensinar! Diante disso, foste me visitar de longe nos primeiros dias que nasci, com a sabedoria de um ancião me abençoou. Na semana seguinte lavou a minha casa e colocaste todos os meus irmãos menores na mesma cama junto a minha mãe. Esperamos você entrar; olhar-me e sair.

O tempo passou e eu cresci, sempre recebendo a sua visita, apesar de mudar de casas e de ilhas, você estava presente em alguns lugares. Você não entrava sempre, mas, nos visitava indo até o terreiro da minha casa, passando por perto de onde mamãe fazia a fogueira às tardinhas e contava histórias de sua vida e de contos de fadas. Assim, também papai contava, porém ele gostava de cantar as canções de seu tempo, enquanto teciam redes ou quando nos colocava para dormir.

O tempo passou e eu ia te visitar sozinha, deixando todos com medo de afogar-me em suas águas, que às vezes estavam mansas, outras vezes, muito violentas. Mas eu gostava de te sentir. Sempre aquecido, não muito frio nem quente. Desde muito pequena aprendi a me banhar em ti. Você estava sempre de braços abertos para me receber, lavar-me e deixar-me nadar em suas águas.

Muitas foram as vezes que você cresceu nos meses de janeiro a março. Tuas águas ficavam turvas e violentas. Parecia que estava bravo com nós ribeirinhos e nos expulsava de suas margens. Tínhamos que sair com tudo e todos das ilhas, porque você crescia demais. E quando passava, você deixava as lagoas férteis, cheias de peixes e camarões. Elas ficavam vivas e boas para o plantio. Todos os moradores comemoravam a sua ida. Não que não gostassem de ti, não mesmo! Era que tudo tinha mais vida a sua volta, em especial após sua passagem.

Lembro-me de meu pai, nas noites de lua cheia, ir colocar camboa (cercado de esteira para pegar peixe) nas marés grandes. Eu, dentro do barco, olhava meu pai mergulhar para melhor enfiar as esteiras na lama densa das margens, e como eu era pequena, era segurada pela cintura, por um dos meus irmãos maiores.

Quando a maré baixava e papai ia despescar a camboa (retirar os peixes do cercado), eu gostava de ir junto para ver os peixinhos pulando. Eram muitos os peixes: piau, xira, lambiá, piaba, piranha, pirambeba, entre outros. Tinha também camarões, siris, pitus.

Então como eu era muito pequena, não entrava na água, porque tinham que ter cuidado com as piranhas, elas mordem muito, e os siris também. Assim, eu olhava meu pai e minha irmã mais velha despescar. Eu era segurada pelo meu irmão maior para que eu não entrasse no local dos peixes.

Era uma festa! Eu pulava, pulava, sorria, gritava, escorregava, caía, levantava sorria, e aplaudia meu pai e minha irmã maior despescar a camboa. Muitas das vezes meu pai tirava daquele lugar um balaio cheio de peixes. Ao chegar em casa, mamãe, depois do café (janta) – já que o melhor horário da pescaria era ao entardecer – ia tratar os peixes (limpar, escamar, deixar pronto para salgar ou cozinhar). Todos os filhos maiores iam ajudar a limpar, porém, eu ainda era pequena, sendo assim, era banhada em suas águas e levada para cama para dormir.

O tempo passou, eu cresci e comecei a fazer as coisas só: tomar banho, nadar, lavar roupa, pescar ou simplesmente te admirar ao amanhecer e ao pôr do sol. Você virou meu confidente. Você conheceu os meus sonhos de ganhar o mundo, não te abandonar, mas de conhecer as letras e descobrir o que estava escrito nas coisas que você me trazia de presente.

Como não tinha como comprar brinquedos você sempre trouxe em suas águas algum que pudéssemos reciclar, lembra? Tu foste meu primeiro professor, e me ensinaste a respeitar os limites, mas enfrentar as correntezas sempre que necessário. Ver que nem tudo que parece ser calmo é, pois, em um pequeno movimento circular pode surgir uma grande panela d'água.

Lembra que um dia você me deu um livro de presente? Este foi colocado no sol por vários dias, mas eu não conhecia as letras, e mamãe não conseguiu ler, pois o livro ficou todo

borrado. Eu sempre sonhei em saber ler e escrever, e depois contar as minhas aventuras a você. O tempo passou e eu aprendi a ler e escrever.

Sabe? Sou artista agora! Artista dançarina! E tenho uma grande novidade, estou na faculdade de dança! Bem, também tenho um grande desafio, vou dançar as tuas águas. Mas não sei como fazer, eu sei uma grande porção de técnicas, mas não sei o que fazer com elas. Em função disso, estou aqui, observando as suas águas, em busca de uma forma para dançar.

Você é lindo, majestoso! De tanto observar tuas águas, elas me acalmam e me acalentam. Ah! Meu caro... Acho que vou deitar um pouco aqui à sombra desta árvore. Eu ando tão pesarosa em ter que dançar as suas águas que acho que vou dormir um pouco... É que não sei como fazer uma dança... As suas águas... ZZZZZZ... É! Não sei. Como vou dançar... As suas águas? Deito no chão, na areia fresca e mergulho em um sono repleto de recordações e de vivência. Vividas e revividas.



Figura 03. Um olhar para o como dançar. Foto: Jasiel Martins (2019).

3. A Menina que Aprendeu a Sonhar / o Tesouro de Mãe D'Água²

Em um tempo não muito distante que esse. Em um lugar não muito longe daqui. Em uma pequena casa de taipa coberta com palha de coqueiro, em uma pequena ilha, no baixo São Francisco, nascia uma pequena e frágil, linda menina, pretinha de olhos sonolentos e cabelos enroladinhos, mas que logo se tornará forte e começará a andar, e como toda criança feliz que tem a liberdade em seus pés, já estava correndo e pulando nos seus primeiros três anos. E indo às margens do rio brincar, acompanhada dos seus pais e irmãos e irmãs. Tudo isso era muito

²Este Conto é parte integrante do Espetáculo “Águas em Mim” (2019), sendo narrado ao longo da performance que mescla vídeo; dança; canto e contação de histórias.

mágico!



Figura 04. Imagem da Ilha no baixo São Francisco representando a casa de *Mazé*, a menina que aprendeu a sonhar.
Foto: Jasiel Martins (2018).

A menina era muito curiosa, gostava de ver tudo, tocar sentir, cheirar, muitas das vezes a menina se queimou nas belíssimas lagartas de fogo, e chorando muito perguntava aos seus pais porque ela que era tão linda era também má. Seus pais tentavam explicar, os perigos das coisas, mas mesmo assim a menina esquecia e fascinava-se com as lagartas, os sapos, as rãs e outros seres maravilhosos da natureza. O tempo foi passando e o mundo mágico ia cada vez mais ficando visível em sua mente.

As flores eram muito encantadoras e em sua imaginação elas vinham do mundo encantado. Sonhava acordada com esse mundo desenhado em sua mente infantil, com seres maravilhosos como os que ela encontra no sonho, que sonha quando dorme. Que encontra seu amigo mágico. O menino que ora era peixe, ora era pássaro.

Um dia esse seu amigo, *Menino Mágico*, veio como peixe e a chamou para mostrar o *Tesouro da Mãe d'água*. A menina pegou em suas nadadeiras e se lançou nas águas do rio e mergulhou fundo, passou pela cama do *Mero* que dormia com a sua enorme boca abrindo e fechando. O peixinho foi passando bem devagarinho perto do *Mero*, pois se ele acorda, o *Mero* poderia abrir a boca bem grande e comer a menina e seu amigo *Menino Peixe*, de uma bocada só.

Depois o seu amigo *Menino Peixe* abriu com ajuda da menina um monte de covos e soltou os camarões, e soltou as redes dos peixes. A menina ficou triste porque seu pai também pegava peixes. Então o *Menino Peixe* levou a menina para mais fundo do rio e mostrou no paredão da ilha uma abertura, e naquela abertura tinha uma porta.

Era a casa da *Mãe d'água*. O *Menino* foi entrando devagarinho dentro da casa, já que agora o menino era de fato menino e não mais peixe. A casa parecia um céu baixo cheio de estrelas que brilhavam em várias cores, e que as mãos da menina podiam tocá-las. Mas a menina obedecia às recomendações do amigo que dissera para não tocar em nada.

A menina olhava encantada para as coisas, quando de repente apareceu em sua frente um grande baú cheio de tesouros. Eram muitos colares, pulseiras e coroas de ouro, pérolas, espelhos decorados com rubis e muitas coisas que encantavam aos olhos curiosos da pequena menina. Sua mão já ia pegar os espelhos quando uma pequena tapa se fez sentir em sua mão. Era o menino que chegava correndo e falando baixo: “Não pegue que ela vai te ver!” “Ela quem?” Pergunta a menina. “A bruxa” responde o menino. “A bruxa? Mais que bruxa?” Pergunta a menina. “Ela!” O menino aponta para uma linda mulher saindo por traz de uma parede de lama que se abria, revelando uma figura toda coberta de ouro que reluzia e ofuscava o olhar.

O menino diz: “Não olhe para ela”. A menina obedeceu e fechou os olhos o máximo que pode. Mas seu brilho é forte como o brilho da lua cheia no verão, a mulher se aproxima e coloca nas mãos da menina e em seu pescoço vários colares que parecem sufoca-la de tão pesados.

A menina vai abrindo os olhos devagar, quando avista o menino sendo arrastado pela mulher que agora não é tão bonita assim, dizendo com voz assustadora “vou te deixar de castigo, e sua amiguinha não vai mais voltar para casa. Ela agora vai ficar aqui”.

A menina tenta soltar as coisas de suas mãos e logo percebe que está amarrada, e começa a chorar e chamar pelo amigo que se debate nas mãos da bruxa. De repente surge uma linda mulher, toma das mãos da bruxa o menino e tira das mãos e do pescoço da menina as correntes que a prendiam. Então, leva os dois para o centro de sua casa e oferece um grande tesouro. Todos de sua família ficariam ricos, porém, a menina teria que levar em troca a sua irmã mais nova.

A menina disse para *Mãe d'água* que “tesouro nenhum pagaria o amor de uma irmã nem o amor de minha família”. Então, a *Mãe d'água* sorri para a menina, chama o peixe Boto e diz: “leve a menina daqui com cuidado, pois o menino está muito cansado. Preciso cuidar dele”. A menina abraçou o menino e voltou no lombo do peixe Boto.

No dia seguinte, ao acordar, a menina ficou pensando na frase que a *Mãe d'água* disse ao se despedir... “Cuidado com o que te oferecem, lembre-se que nem tudo que reluz é ouro, nem todo ouro é bom. Seja esperta... Um rosto bonito pode esconder muita feiura. E o belo nem sempre brilha”.

E assim foi mais um sonho da noite, para iniciar um dia de aventura e descoberta.

4. Descrição dos Personagens do Conto: *Mazé em Águas em Mim – um rio em cena.*

4.1. Personagens baseados em pessoas reais

IZA – Isadora Duncan, bailarina famosa que revolucionou o universo da dança. É uma das pioneiras da dança moderna do século XX. É apresentada no conto envolta de características e de símbolos que a representam. Isadora Duncan – a bailarina que dança nua e de pés descalços – sua biografia foi o primeiro livro que li ao chegar ao curso de Licenciatura em Dança (UFAL). Foi indicado pelo professor da disciplina *História e Estética da Dança* – Prof. José Antônio Lopes. Toda narrativa foi criada para que *Iza* pudesse dar um horizonte à *Mazé*, sem interferir no poder de criação da mesma.

SENHOR J.R. – um homem alto, magro, dançarino conhecedor e amante das artes. É baseado no Prof^o Dr^o José Rafael Madureira³, que foi meu orientador na disciplina Montagem Cênica, tanto no conto quanto na realidade. Durante os anos de 2018 a 2019 atuou como docente do curso de Licenciatura em Dança na Universidade Federal de Alagoas.

MAZÉ – meu alter ego. Essa personagem baseia-se na mulher, preta, criativa, sonhadora, ansiosa, vivendo a angústia de não saber como dançar o rio e suas águas, apesar de ter uma longa vivência como menina-mulher ribeirinha, pescadora e agricultora, e obter conhecimentos dessa vida como filha das águas. Dentro dela está um mar de preocupações por achar que não vai conseguir visualizar o seu potencial criativo, e ficar focada nos movimentos das técnicas estudadas no curso de Licenciatura em Dança. Menina pretinha, olhos sonolentos, cabelo castanho, sorridente, lábios carnudos, grossos, sonhadora, criativa, observadora e amante da natureza. Busca divertir-se com os movimentos da natureza, deixando que o seu corpo dance livremente, sem a preocupação do resultado final.

³Mais informações sobre a formação acadêmica do Prf^o Dr^o José Rafael Madureira, encontra-se no currículo lattes. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/3840410194168195>> Acesso em 21 de abril de 2021.

KAME – menina branquinha, com bochechas rosadas como um tomate, cabelos vermelhos, sorridente, curiosa, que também gosta de dançar. Personagem baseado na pessoa da Profª. Drª Kamilla Mesquita Oliveira⁴. Esta é Drª em Artes da Cena, pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Atualmente é docente do curso de Licenciatura em Dança na Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

FAMÍLIA DE MAZÉ - baseada na vida cotidiana de minha família. Os meninos, meus irmãos; e as meninas, minhas irmãs; meu pai e minha mãe.

SENHOR ZÉ - pai, homem negro, olhos miúdos, sonolentos e castanhos, cabelo carapinha, pescador, agricultor. Ele detém o conhecimento dos movimentos da lua e das marés, sabe com precisão o melhor momento de ir pescar, plantar e colher.

DONA CICE - mãe, mulher branca, bochechas rosadas, cabelos cacheados, olhos castanhos. Contadora de histórias: a única da família que sabe ler e tem o poder mágico de compreender as coisas que estão nos livros. Como todas as mulheres ribeirinhas que moram em ilha, ela lava as louças e as roupas nas margens do rio.

Irmãos de Mazé

RAY - adolescente, comprida, quase do tamanho da mãe. Preta com cabelo bem liso, olhos grandes, boca grande e lábios grossos. Seu corpo ainda está se formando.

LEO - irmão, menino pardo, cabelo carapinha castanho, magro e esticado. A avó o chama de caneludo, por ter pernas compridas, olhos grandes, boca grande, lábios um pouco grossos. Gosta de criar coisas.

NINHO – irmão mais novo que o Leo, menino pequeno como *Mazé*. Pretinho, um tom de melanina a mais que o Leo, olhos castanhos, cabelo castanho médio, cacheado, gordinho, perninhas grossas, aventureiro, criativo, está sempre querendo construir coisas.

ZETINHA – irmã mais nova que Ninho e *Mazé*. Amante das rãs. Gostaria de ter todas as cores de rãs da natureza. Magrinha, perninhas finas, cor parda, cabelo crespo, muitos e longos. Rosto pequeno, perdido entres os grandes cabelos, olhos grandes e pretos, sobranceiras

⁴Mais informações sobre a formação acadêmica da Prfª Drª Kamilla Mesquita Oliveira, encontra-se no currículo lattes. Disponível em: < <http://lattes.cnpq.br/9497299630767239> > Acesso em: 21 de abril de 2021.

grossas. Sorriso apagado e muito tímida. Mas sonhadora como sua irmã *Mazé* e Ninho, seus companheiros de aventuras.

NENÉ – irmã caçula, não faz nada, é gordinha, pretinha, cabelo bem cacheadinho, boca bem pequeninha, olhos atentos, pequenos e puxadinhos. Mama e chora, está sempre querendo colo.

VÓ - senhora negra, gordinha, com um colo fofinho. Faz bolos e pés-de-moleques gostosos. Gosta de usar lenço colorido na cabeça, vestido rodado e estampado, faz lindas trancinhas e ama fumar um cachimbo de barro e fumo de rolo. Também faz o melhor mingau, tão delicioso que mesmo comendo todo o prato do mingau, ainda dá vontade de comer mais.

MULHER – AMIGA

DALVINHA – amiga de *Mazé*, mulher branca, pertence à vida adulta de *Mazé*. Dona de voz linda, calma e serena, declama as palavras da carta ao Rio de uma forma poética e mágica, que conforta e dá confiança à *Mazé*. Baseado na pessoa Vicentina Dalva Lira de Castro, mulher, branca, esposa, mãe, amiga, artista, terapeuta, professora de artes por formação e amor. Ama ajudar aos amigos, sempre com uma palavra doce para todos os que estão ao seu redor. Guerreira. Está sempre confiante que vai dar certo. Amante da natureza, apaixonada pela vida, luta pelo bem-estar do meio ambiente e da cultura local. Sua presença é de grande relevância para *Mazé*, pois acalma e passa-lhe segurança.

4.2. Personagem de Outro Conto

CORA – Personagem protagonista do Trabalho de Conclusão de Curso - *Cora Decide Dançar* de Ana Carolina Klaciewicz (2016). Menina tímida, branca, bochechas rosadas como tomate, cabelo loiro. Gosta muito de dançar descobrindo novas possibilidades. Ela vem visitar *Mazé* em seu sonho mais profundo.

4.3. Personagens Fantásticos

VELHO CHICO – a alma do Rio, um homem alto, magro, preto, sábio, curandeiro, saciador da fome, da sede, promotor da paz, da vida, da saúde e da cultura ribeirinha. Criado para personificar o Rio São Francisco.

MÃE D'ÁGUA – pertencente ao imaginário ribeirinho, mulher negra, linda e de olhar enigmático, para uns é branca, para outros é preta. Estatura mediana, sedutora, cabelos lisos e longos, seios firmes, com linda voz que encanta aos pescadores. Protetora das almas dos afogados. Nas noites de lua cheia ela canta para lua e eleva as almas destes para o céu.

NEGO D'ÁGUA – muito vivo na cultura ribeirinha, está presente em histórias e anedotas, faz parte do imaginário dos moradores e pescadores. Homem preto, careca, vive dentro do rio, despesca as redes dos pescadores e vira os barcos. No imaginário de *Mazé* ele é responsável também pela panela d'água.

MERO – peixe grande, vivente das duas águas: do rio e do mar; pertencente ao imaginário dos ribeirinhos. É um peixe capaz de engolir crianças que nadam em águas profundas sem a companhia dos pais, principalmente na maré cheia.

JUNIOR – menino mágico que visita os sonhos de *Mazé* quando criança e a leva para participar de grandes aventuras. Ele tem o poder da transformação e pode ser o que *Mazé* quiser: menino, peixe, pássaro, cordeiro, ou um homem em sua vida adulta. Como é uma pessoa mágica, ele não tem uma característica que o defina, exceto seus olhos grandes, oras amendoados, outras verdes, como o próprio rio; ou azuis como o céu, ou ainda vermelhos como um rubi, porém, sempre curiosos, travessos, enigmáticos e profundos. Além dos olhos, o sentimento que sua presença causa em *Mazé* é de liberdade, de buscar coisas diferentes, ir a lugares que *Mazé* não poderia ir.

5. *Mazé em: Águas em mim: um rio em cena*



Figura 05. *Mazé pensando em como dançar o rio.* Ilustração digital de Carmem Roberta.

Oi! Eu sou Mazé. E há tempos ando muito angustiada em descobrir como dançar as águas, que durante toda a minha vida foram muito importantes para mim. Dançar as águas é uma tarefa que devo cumprir como requisito de meus estudos. Sendo assim, ando apreensiva, fazendo-me muitas perguntas.

Como devo dançar o Rio? Que tipo de movimento eu devo colocar nestas águas? Será uma água calma ou turbulenta, parada ou fluida, rasa ou profunda? Quais as qualidades de movimento devem estar presentes na matriz do meu dançar? Eu não sei como fazer essa dança das águas.

Mediante tantas indagações, eu, Mazé, ando pelas margens do São Francisco, quando encontro com uma mulher, que está deitada na beira do rio, olhando o céu azul, com poucas nuvens branquinhas, sendo levadas pelo vento. De onde a mulher está deitada, aproveitando a sombra da árvore, dá para ver o dançar dos coloridíssimos barcos em seu vai-e-vem, movidos

pela correnteza das águas, que passam. A mulher chama-me, convida-me a deitar ao seu lado, à sombra da árvore, para observar o azul do céu.

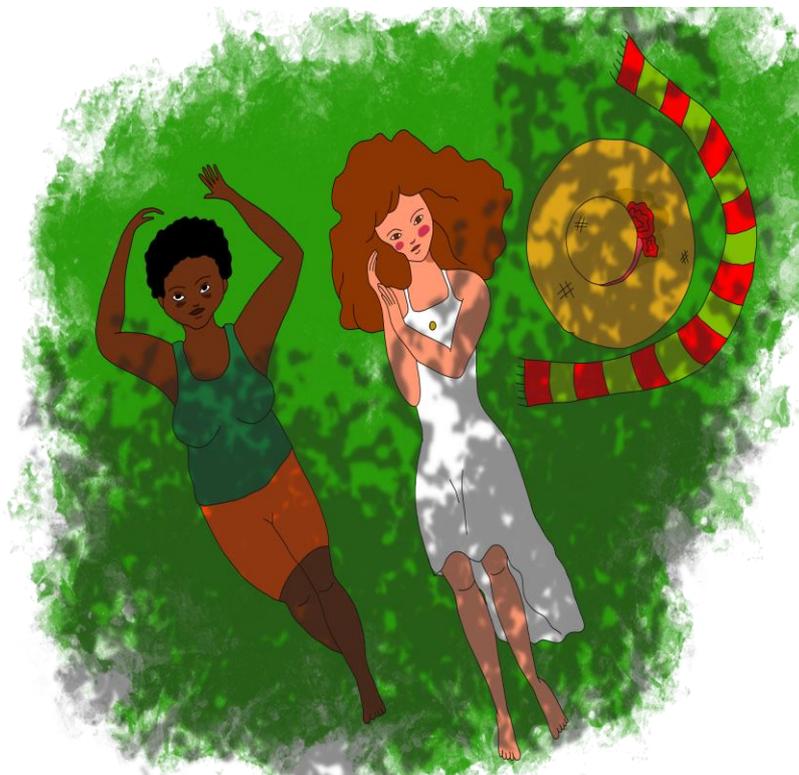


Figura 06. *Encontro de Mazé com Iza..* Ilustração digital de Carmem Roberta.

Aproximo-me da mulher e logo percebo que a mesma é *Iza*, uma velha amiga, conhecedora da dança. Esta que rompe padrões, que dança descalça, observa a natureza, e ama a filosofia. Que luta por uma dança livre de padrões, sem os apertos dos espartilhos e as pontas das sapatilhas.

Apesar de ter um vasto conhecimento sobre a dança, e o como dançar, *Iza* apenas me diz que eu preciso ver e fazer as coisas pelos olhos de uma criança, pois as crianças trazem os mais genuínos dos movimentos, e ao se entregarem a estes, não se prendem às técnicas.

Paro para ver e ouvir as palavras de *Iza*, que está vestida em um vestido branco suave e transparente, echarpe colorido e um grande chapéu para proteger-se do sol de nosso país tropical, muito ensolarado e quente para uma mulher da América do Norte. *Iza* continua me dizendo: “deixe que a sua criança dance, que ela se envolva no movimento, deixe que ela conte e mostre essa dança. E tu verás como será fácil dançar”. Respiro lentamente, lembrando também das palavras incentivadoras do *senhor J. R.* que também já me falara essas palavras antes de eu andar atordoada nas minhas inquietações.

Dançar as águas é uma tarefa estimulada pelo *senhor J. R.* Ele também é conhecedor da dança. O senhor J.R é um homem alto, magro, meio careca e ama a arte. Tem conhecimentos em música, teatro e dança, e dá aulas no curso de Licenciatura em dança que estudo. Ele acompanha-me no desenvolvimento da dança, incentivando-me na criação dos meus movimentos coreográficos.

A dança das águas que preciso realizar está em mim, é o que acredita o *senhor J. R.* Segundo ele, por eu ser oriunda de “Águas Preciosas” – como ele se refere às águas do lugar de onde vim – eu sou apta a fazer uma dança cheia de verdade e sabedoria. Para tanto, é só eu despertar todos os códigos que estão em mim. Ele acredita que por eu ter tido uma vivência ribeirinha, o meu corpo conhece todos os movimentos que necessito. Ele confia em mim e me faz acreditar que sou capaz de desenvolver uma dança criativa e provocadora de sonhos.

O problema é que eu não sei como despertar esse corpo conhecedor dos movimentos dançantes das águas. O meu corpo já conhece alguns movimentos técnicos, até listei uma quantidade razoável que poderia usar na coreografia, porém, não sei por onde começar ou como fazer uso de tais movimentos. Eu também preciso colocar nome na coreografia, definir figurino, tempo, iluminação. São muitas dúvidas que passam em minha mente.

Apesar do diálogo com minha amiga *Iza*, depois de suas palavras tão motivadoras, e dos concelhos incentivadores do *senhor J.R.* eu continuo pensativa e inquieta, caminhando à margem do rio.

5.1. O sonho dentro do sonho

De repente, escuto de uma menina que também gosta de dançar: “Quando somos crianças, não nos preocupamos com o como fazer, apenas fazemos”. Observei nos olhos da menina que muito se parecia comigo em um tempo não muito distante... E quando quis falar com ela, ouvi minha mãe dizendo.

– *Mazé!* Menina presta atenção! Cuidado com a correnteza!



Figura 07. *Mazé.* Ilustração digital de Carmem Roberta.

Então me vi flutuando nas águas do Rio, perto da casa onde eu morava. Eu morava com a minha família em uma casinha de taipa coberta com palha de coqueiro, em uma ilha. A casa ficava defronte – e bem perto – ao rio e ao sol nascente; com o fundo virado para a lagoa, onde a minha família plantava arroz - ao sol poente. Ao redor da casa tinham coqueiros, mangueiras, bananeiras, canas e outras frutas.

– Oi Mamãe! Respondo. E me vejo criança alegre e entusiasmada como sempre. Fui aos meus sete anos.

– Saia do rio, menina! Olha quem chegou! Fala-me mamãe toda alegre por receber visita.



Figura 08. *Cora e Kame. Ilustração digital de Carmem Roberta.*

Eu vi aquelas bochechas rosadas e dois pares de olhos brilhantes, olhando para mim, sorridentes. Rapidamente, nadei até a praia do rio com os meus pequenos braços, olhei e vi as duas meninas observando-me, encantadas, como em um conto de fadas, mas, com um tanto de medo por eu estar na água. Não sei por que, elas me parecem conhecidas. Não sei! Mas, acho que as conhecia de algum lugar. Mas isso não faz muita diferença. O importante é que elas estavam ali comigo - penso no meu íntimo.

Quando somos crianças não precisamos dessas formalidades dos adultos. Nós nos conhecemos e nos reconhecemos em apenas um olhar. Nós, as crianças, vamos sabendo umas das outras ao decorrer das brincadeiras que o momento nos oferece. Então, eu *Mazé*, percebi que estas meninas que estavam me visitando eram muito branquinhas, tinham bochechas rosadas como os tomates maduros que a mamãe plantava no quintal. Observei, por um bom tempo, analisando-as, por não ser comum aparecer pessoas na ilha em que moro, além de minha família e alguns amigos que vivem aqui por perto.

Minha vida toda morei em ilhas e as mesmas não eram muito movimentadas. Em geral, estava sempre com os meus pais, irmãos e irmãs. Minha maior companhia era a natureza: os animais, as plantas, as flores, o rio. As pessoas que apareciam por ali quase sempre eram adultas,

em busca de trabalho. De onde vieram, então? Quem eram essas meninas? E presa em meus pensamentos, escutei uma menina se apresentar.

– Oi! Eu sou *Kame* e essa é minha amiga *Cora*. E você?

– Oi! Eu... Eu sou *Mazé*. (Risos)

– Minha nossa! Você se queimou no sol. Espanta-se a menina *Cora*, em me ver toda douradinha e reluzente do sol.

– Não! (Risos) Eu sou assim mesmo. Nasci assim. Eu sou preta, tenho olhos sonolentos e cabelos bem cacheadinhos. - Olha! Então mostrei os meus cachos respingando água do rio para elas. Eu tenho irmãos e irmãs, eles também são pretinhos como eu, uns com tom de cor de pele mais escura, outros com um tom a menos, mas, todos pretos. Meu pai é pretinho e minha mãe branquinha, assim como vocês. Somos pretos, devido ao meu pai e à família dele. Mas o sol deixa a nossa pele um pouco mais escura. Sou filha desse lugar ensolarado, cheio de águas. Sabe? Eu nasci em uma ilha como essa, e em casa, acompanhada por uma mãe de umbigo! Ela, às vezes, é quem nos batiza com as águas desse Rio e nos abençoa e dá o nosso nome. O meu nome quem me deu foi a mãe de umbigo, e ela me batizou com as águas desse rio. Aqui o sol sempre brilha forte, o vento quase não falta, mas, quase nunca faz frio, as águas do rio são sempre quentinhas e dá para tomar banho mesmo no inverno.

– Que legal! Eu tenho... Bem, somos amigas! E... Somos de longe, muito longe. *Kame* me falou toda animada, com as suas bochechas todas pintadinhas e seu cabelo vermelho.

– É! Somos amigas e viemos de muito longe. Falou toda tímida, *Cora*, com suas bochechas que mais pareciam tomates que iam amadurecer.

Observei-as e as mesmas são tão pequenas quanto eu. E até me parecia que eram mais novas, sendo que eram tão diferentes. Presa nos meus pensamentos de criança, escuto *Kame* me perguntar.

– Olha! Você não tem medo de ficar flutuando nas águas do rio?

– Não! É só não deixar ser levada pela correnteza, para as águas fundas, aí, eu fico sempre no raso. Vocês sabiam que no fundo, bem lá no fundo, mora o *Mero*?



Figura 09. *Mero*. Ilustração digital Carmem Roberta.

– Não! E o que é *Mero*? Quis saber *Cora*.

– *Mero* é peixe grande! Ele mora no mar e também fica no fundo, bem no fundo do rio, esperando a maré encher para subir. E quando a maré sobe, ele sai para comer, se a pessoa não tiver cuidado, ele abre a boca grande e come as crianças que vão para as águas fundas.

– Uuii! E você não tem medo? Perguntou *Cora*.

– Tenho né? Por isso, eu não vou para o fundo. Além do mais, vocês sabiam que também, no mais fundo do Grande Rio, bem lá no fundo, mora o *Nego D'água* e a *Mãe D'água*?

– Uai! Que trem é esse? Quis saber *kame*.

– Não é trem não! São pessoas encantadas, que vivem no fundo do rio. E o *Nego D'água* tem uma varinha mágica, que ele gira no fundo do rio em movimento espiral. Gira, gira e gira muitíssimo, até virar uma grande panela d'água. Então devemos ficar longe, muito longe da

panela d'água. Pois se a pessoa ficar próxima e a panela d'água pegar essa pessoa, ela pode até morrer sem fôlego.



Figura 10. *Mãe d'água.* Ilustração digital de Carmem Roberta.

– Sério? Espantou-se *Cora*.

– E a *Mãe D'água*? Perguntou-me *Kame*.

– A *Mãe D'água*! Ela só... Ela só assusta os meninos grandes e pescadores. Porque ela canta e os encanta e eles se apaixonam por ela. Mas ela mora no fundo do rio, então, eles vão atrás dela e ela os leva para sua casa, e como eles ficam sem fôlego, morrem. Mas, depois, nas noites de lua cheia, ela canta e as almas deles vão para o céu.

– Nossa! E você não tem medo? Indagou-me *Cora*.

– Da *Mãe D'água*? Não, né! Eu não sou menino, eu sou menina, lembra?

– Uai! Tem razão. Mas.... O que você faz aqui nesse lugar? Perguntou *Kame*.

– Ah! Eu sou daqui, então ajudo os meus pais na pesca, no plantio do arroz, nos afazeres da casa e brinco com os meus irmãos e irmãs e com os seres da natureza, as lagartas, as borboletas, os pássaros, as galinhas, os pintinhos, essas coisas...

– Brinca de quê? Perguntou *Cora*.

– Eu gosto de brincar de um monte de coisas, gosto de imitar os bichos, de fazer brinquedos de sucata que o rio traz, de criar junto com os meus irmãos os nossos brinquedos, de fazer bonecos de barro, panelinha, casinha de madeira. Faço bonecas de pano com minha mãe Cici e minhas irmãs, Rai, Zete e a neném Nil, se bem que a neném, nem sabe fazer. Mas o Ninho, e o Léo sabem, eles sabem fazer barquinhos para brincar nas croas.

– Croa? O que é croa? Perguntou-me *Cora* muito curiosa, e que me parecia mais corada que antes, não sei se de vergonha ou do sol.

– Ah! Croa é... Hum! Deixa-me ver! Ah tá! Croa é o assoreamento do rio. Todo rio é dividido em três partes, a alta, perto das nascentes; a média, na parte do meio, claro; e a baixa, já pertinho da foz. Estamos na parte mais baixa do rio, e o mesmo está com uma vazão muito pouca, devido às poucas chuvas e as represas das hidrelétricas. Aí se formam as croas.

– Nossa! Você sabe de tudo isso? Perguntou-me toda espantada *Kame*.

– Meu pai que me ensinou e também o senhor *Velho Chico*. Mas, tem que ter cuidado ao ir à croa. Não podemos ficar só na croa, porque o rio enche e fica muito fundo, então só podemos ir com um adulto de confiança. Gosto também de brincar de que eu era uma dançarina. E aí eu danço.

– Você sabe dançar? Nossa! Eu também gosto de dançar. Falou *Kame*.

– Eu também! Diz *Cora*.

Então eu respondi. – Sim! Eu gosto de dançar. Eu danço com o vento e faço de conta que eu sou um saci e estou no vento, fico pulando e girando, me encanto com o movimento dos lençóis no varal, eles movem-se ora lento, ora muito furiosos; danço com o espanar das folhas dos coqueiros ao vento, também giro fazendo movimentos circulares, como em uma panela d'água.

– E como vocês dançam? Perguntei para elas.

– Uai! Nós dançamos pesquisando novos caminhos, experimentado novas possibilidades, igual a você, e enfrentando desafios que nossos amigos nos propõem. Então, experimentamos novas formas de andar, de perceber o Espaço, essas coisas. Falou-me *Cora*.

– Perceber o que? O espaço? Vocês vão para o espaço? Como assim? Fiquei muito curiosa.

– Não! (Muitos risos). Não mesmo. Não é o espaço céu, é o Espaço lugar que dançamos como este que estamos nesse momento, entende? Explicou-me *Kame*.

– Ah! Acho que sim. Então vamos brincar de que eu era uma dançarina e dançar a panela d'água nesse Espaço? Eu as convidei, toda animada.

– Sim! Uai! Mas, eu posso chamar as minhas amigas para brincar de que eu era panela d'água? Perguntou-me *Cora*, toda corada.

– Sim! Respondi. E sem menos esperar apareceram várias meninas e meninos.

Então eu disse. – Também vou chamar as minhas irmãs para brincar conosco, certo? Fui para dentro de casa, chamar as minhas irmãs para brincar.

No terreiro, todas e todos nós nos encontramos para brincar de dançar a natureza. Assim, fomos vivenciando os movimentos, tanto os da natureza como os corriqueiros, dos afazeres da minha família. Eu, *Mazé*, puxava os movimentos. Primeiro brincamos de que eu era a própria panela d'água, começando o movimento bem lá no mais íntimo do nosso centro pélvico. Comecei a ensiná-los.

– Primeiro tem que começar o movimento bem pequenininho. Tem que soltar um pouquinho os joelhos. O movimento começa bem na bacia. Como a mamãe faz com o pote, quando ela afasta as impurezas da superfície do rio para pegar água limpa. Vai girando o quadril como se fosse o pote na água, bem devagar, girando e girando, aos poucos vai aumentando o movimento. Depois vai girando todo o corpo, girando e girando, até parecer uma grande panela d'água, girando, girando, girando, girando muitíssimo. Continua girando e girando... Gira, gira sem parar.

– Estou tontinha. Disse *Cora*.

– Ai meu Deus! Eu vou cair. Completou *Kame*.

Giramos tanto que ficamos tontos e tontas. Rindo, fomos caindo no chão, ao som de gargalhadas. Quando caí, vi Dona Cici, minha mãe, nos olhando de longe, enquanto enchia os potes e lavava roupa na beira do rio, acompanhada das mulheres, mães das crianças que vieram nos visitar, tanto os de longe como os vizinhos.

– Vocês sabiam que esse porto onde a mamãe está lavando roupa foi feito pelo papai, com tronco de coqueiros, saco de areia e outras madeiras?

Todos e todas se voltam para observar as mulheres lavarem roupas.

– Ei! Meninas vamos ver como é torcer o corpo, como a mamãe faz com as roupas ao lavar?

Todas – Vamos!

Então, observando suas ações, começamos a brincar com os movimentos que elas faziam: bater, sacudir, esfregar e torcer. Fomos sentindo as diferenças nos movimentos, o tônus muscular, as direções, as intensidades da força. A brincadeira ficou muito interessante e gerou ótimos movimentos.

Meu pai chamou os meus irmãos para aprender a jogar a tarrafa no rio. Então convidei as meninas e os meninos que estavam na brincadeira para ver.

– Gente! Gente! Vamos ouvir as explicações do papai. Ele vai ensinar a pescar de tarrafa.

Meu pai, senhor *Zé*, diz: – Venham todos! Que vou ensinar como se joga a tarrafa. E começa a ensinar.

Enquanto um estava com a tarrafa, os outros imitavam o movimento no corpo, jogando uma tarrafa imaginária. Repetimos várias vezes os movimentos, tudo isso era muito legal. Cansadas daquele movimento e da repetição, chamei as meninas para brincar de deslizar na lama, na hora da maré baixa.

– Ei, meninas! Eu, eu... Eu gosto de brincar na lama da praia do rio, quando a maré vaza. Eu brinco de deslizar. A maré já vazou. Vamos brincar lá? Convidei-as.

– Vamos! Disseram as meninas.

Seguimos juntas até a praia grande, perto do porto, onde se formava uma crosta de lama fina por cima da areia lavada e firme que dava sustentação ao piso. Era um espaço perfeito para brincar de deslizar. E deslizamos muito, descobrindo esse movimento contínuo e acelerado que provocava quedas ao final. Caíamos e levantávamos nos recuperando das quedas sempre com muitos risos. Fizemos *spacate*, estrelinhas e outras brincadeiras, até cansar. Depois paramos para observar as ondas e imitamos seus movimentos e o som que as mesmas provocam ao bater-se contra o cais do porto, feito pelo papai. Enquanto brincávamos, Cora escreveu alguma coisa na areia da prainha do rio e me chamou dizendo.

– *Mazé! Mazé!* Olha o que eu escrevi!

Eu olhei muito triste, para o que *Cora* havia escrito.

– Não sei o que está escrito, por que eu não sei ler e ainda não fui à escola.

– Me desculpe, não sabia que você não sabia ler. É que você sabe um monte coisas, que eu pensei que você... Falou *Cora*, toda corada.

– Eu não sei ler. Mamãe é quem sabe. Ela lê para nós, eu aprendo com ela, com o papai, com o vovô, a vovó, os meus familiares, os senhores e as senhoras mais velhas que acompanham o meu pai no plantio do arroz, estes sempre me ensinam as coisas, como as canções de trabalho, as histórias e outras coisas. Ah! Também aprendo com o senhor *Velho Chico*, a alma deste rio. Ele também me ensina além de me trazer muitos presentes. Mas, ler não sei. Tenho que ir para a escola e por aqui não tem uma perto. Mas minha mãe me falou que logo iremos para cidade e lá vamos estudar.

– Que bom que você vai para a escola. Mas, espera aí! Você vê alma? Perguntou curiosa, *Kame*.

Respondi – Sim! Mas, a alma do Rio, muitas pessoas podem ver principalmente quem tem alma de artista, pois, os artistas sabem sonhar e acreditam na magia, na beleza, na força do amor. A alma de um artista é uma alma que acredita que tudo vai dar certo, mesmo quando tudo está dando errado, ele persevera e vai à luta, até vencer. Assim é o senhor *Velho Chico*, este que é a alma deste Rio, ele vem visitando um montão de lugares, colhendo, criando e contando histórias dessa gente ribeirinha por onde ele passa. Ele sempre supera os desafios impostos para

ele. Ele é represado e desviado, mas, mesmo assim, vem até aqui me visita e passa para ir ao mar e lá no mar ele se encontra e se mistura.

Cora perguntou mais uma vez muito curiosa – E como é o senhor *Velho Chico*, a alma do rio, e de onde ele vem?



Figura 11. *Velho Chico a Alma do Rio.* Ilustração digital de Carmem Roberta

Ele é negro, magro e muito flexível, às vezes pode ser gordo. Além do mais, ele é a alma de um rio, então ele vem como um grande sábio, sarando doenças, curando feridas, saciando sede, alimentando, limpando, nutrindo. Dando sentido à vida dos povos ribeirinhos. E ele vem de onde ele nasce lá das serras de Minas Gerais, mais precisamente na Serra da Canastra. O rio é belo, lindo e muito grandioso. O problema está em quem não conhece a alma do rio, esses o sufocam, represam, poluem, deixando-o muito triste. Mesmo assim, ele me conta suas histórias e eu conto os meus sonhos sonhados e os meus desejos para ele.

Espantada, *Kame* me perguntou. – Como assim? Como o *Velho Chico*, a alma do Rio, conta histórias? Rindo para ela e, com o meu jeito de menina inocente, respondi.

– Olha, ainda ontem estava eu sentada na areia e chegou um velhinho, e me vendo ali, brincando, ele me falou. Estou muito cansado, apesar de estar sempre passando por aqui, está difícil. As pessoas não cuidam mais como antes dessas águas, estas que são muito preciosas para todos ribeirinhos. Estas águas já foram muito ricas para muitas pessoas, este rio já teve muitos peixes, camarões e o plantio de arroz. Questionando o senhor, interrompi-o – Mas, senhor, ainda tem muito peixe neste rio. E papai ainda planta arroz nas lagoas. E ele continuou falando. Minha menina linda veja essa alegria de peixes com fartura. Não vai demorar, pois em menos de trinta anos vamos ficar escassos de peixes e arroz não será mais plantado por essas bandas.

– Como assim? Eu quis saber. E ele continuou me falando. O homem busca outras prioridades e outras necessidades, e com isso temos tido menos água doce, menos peixes e um dia o mar entrará no Rio e estas águas ficarão salgadas. Se não cuidar do rio, ele vai virar mar. Precisa-se, então, cuidar do rio para que não morra, pois se morrer vira sertão, não haverá água para beber e nem peixe para comer. E como em um passe de mágica, ou uma correnteza, o velhinho se foi sem que eu percebesse.

– Uai! Mais por que você conta os seus sonhos ao rio? Continua *Kame*.

– Sim, eu conto os meus sonhos a ele, tanto os sonhos de saber ler e escrever e assim aprender um monte de coisa, ser artista, saber cantar, dançar de verdade para um montão de pessoas, ser uma grande escritora, escrever e fazer teatro; como os sonhos sonhados que tenho durante as noites, afinal o meu amigo *Velho Chico* é meu confidente.

– Sério? Que tipo de sonhos sonhados você sonha? Continua na curiosidade e me pergunta *Kame*, a menina de cabelos vermelhos.

– Bem, nos meus sonhos, os sonhados sabe? Aparece muito o meu amigo Júnior. Ele é um menino mágico que vem me visitar quase sempre. Muitas das vezes, vem como um pássaro. Quando ele vem assim como um pássaro, ele me leva em suas asas e me deixa em uma casa azul, cheia de meninas. Mas tenho que ter muito cuidado com o homem mal, o grande feiticeiro que leva as meninas sempre que as consegue pegar. Temos que nos esconder dele. Outras vezes, esse menino vem como um cordeiro e me leva aos grandes campos de gramas douradas e lá eu

vou ouvir palestras de grandes sábios e também vou buscar pessoas em lugares distantes. Ele também vem como peixe e me leva para conhecer os tesouros do rio. Um dia ele me levou para conhecer o tesouro de *Mãe D'água* e os perigos que o rodeiam. Nadei pertinho do *Mero*, soltei os peixes das redes e os camarões dos covos. Entrei na casa mais linda que já vi a casa da *Mãe D'água*. Fui presa, acorrentada, solta e voltei para casa nas costas do peixe-boto.

– Uau! Que interessante. Disse *Cora*.

– Esse seu amigo só aparece em sonho? Perguntou-me *Kame*.

– Sim, só nos sonhos. Por quê?

– Nada não, é que ele é... Sei não, deixa para lá. Falou *Kame*

– Esse menino é mágico mesmo? Quis saber *Cora*.

– Ele é! Em meus sonhos... Bem, acho que vocês devem estar cansadas de ouvir meus sonhos.

– Não, por favor, pode contar outro. Falaram as meninas em coro.

– Bem outro sonho foi muito estranho. Sonhei que eu era grande, igual à mamãe. Eu ia para a escola de gente grande, faculdade eu acho, e lá tinha uma reunião de feiticeiros, em uma sala escura, assim como se fosse uma neblina. Na sala tinha uma mesa e em cima da mesa um buquê de rosas vermelhas. As pessoas estavam vestidas de roupas de feiticeiros e uma mulher no centro mexia o caldeirão. Uma pessoa me levou para o centro da roda e a mulher que mexia o caldeirão me deu um caldo muito ruim que me fez vomitar livros. Aí um homem tira desses livros, um, e me dá. Eu peguei o livro e tudo foi ficando mais claro. Nesta casa, também tinha uma cadeira de rei e um rei, ele me parecia com o *Júnior* dos meus sonhos, o *Menino Mágico*. Mas talvez fosse a alma do rio, pois o mesmo era magro e meio careca. Este me levou para a beira do rio e me disse: “Porque você não passa para outra margem e dança essas águas?”. Eu não entendi e fiquei olhando o Rio. Quando voltei para a sala, eu me encontrei só, pois o rei já tinha ido, só tinha as rosas vermelhas, estas estavam me olhando com uma ternura e muita vivacidade que só as rosas têm, mas, lembrei que as rosas têm espinhos, e não as toquei. Neste instante, fiquei me sentido muito só e me veio uma grande vontade de chorar. Lembrei-me das vezes que me sentia só e olhava o Rio e escutava ele falando comigo, no mais íntimo. “Não chore! Porque você está chorando? Até parece uma pequena cachoeira.” Eu ria com aquelas

palavras que ele me dizia. Certa vez, quando chorava por não poder entrar nas águas do rio, minha vó me falou que dentro de mim tinha um pequeno rio, que as águas estavam em mim.

5.2 O despertar

Acordo. Desperto desse longo sonho para a realidade do aqui e agora, e percebo que era hora de voltar a real e pesquisar os movimentos da Montagem Cênica. E com o reviver da minha infância, chegam às lembranças, que despertam em mim os movimentos dançantes que vêm das coisas que experimentei quando criança e assim recordo movimentos adormecidos, escondidos na derme e na epiderme da minha pele, guardados no baú da minha memória, em meu subconsciente. Lembro-me de como dançava no terreiro, brincando com o vento, e como era flutuar, escorregar... Lembrei também das canções cantadas pelas senhoras que acompanhavam minha família na labuta dos plantios de arroz. E com essas memórias ativadas, me concentro em despertar os movimentos das águas em mim. Torno-me confiante em criar a minha própria dança, permitindo que a minha criança desperte sem timidez, e muito criativa.

Então eu me desafio. Vou testar os movimentos das águas em meu corpo, quero compreender melhor como o meu corpo pode se moldar aos movimentos de água. Ah! Quero ver também como inicio a água que nascerá de mim. A água que eu fizer melhor em mim, eu dançarei. Será uma água que se formará no meu centro pélvico e jorrará em todo o meu corpo. Serei uma nascente e, como em contrações de parto, iniciarei em pequenos movimentos. Deixarei que os movimentos venham do mais íntimo do meu útero e que reverberem em todo o meu corpo. Deixarei essas águas que estão em mim saírem e se mostrarem como um rio. Testarei o tempo, a velocidade do movimento.

Desde o bem pequeno ao grande e expansivo, do lento ao mais acelerado. Vou testar escorregar, torcer, flutuar, observando o tônus muscular, observando a matriz do movimento, de onde surge, para onde vai e com a consciência do movimento, tirar do centro e levar para as extremidades dos meus membros, superiores e inferiores. Agora que compreendo, vou juntar tudo isso e mostrar ao *senhor J.R.*

O *senhor J.R.* observa e dá algumas outras informações. E eu, *Mazé*, ouvindo-as com atenção. Refino os movimentos, incluo os sons da maré, as águas frenéticas batendo contra o cais do porto de minha casa e estudo todos os movimentos várias vezes, até cansar.

5.3 O figurino e o cenário

Mas, eu sei que ainda falta muito para terminar a Montagem Cênica, pois preciso pensar no figurino, no cenário. Decido que tudo pode estar em mim. Já que dançarei o rio, vou deixar meu corpo carregar não somente a água de um rio, mas também o cenário.

Faço o protótipo de um barquinho com um pedaço de emborrachado, e vendo que é possível, pesquiso um material que tenha condição de não se danificar durante a apresentação. O primeiro pensamento é fazer os barcos de um material que não polua o ambiente. No entanto, o emborrachado se apresenta como o mais eficaz, apesar de não ser o que eu queria inicialmente, pois o mesmo é muito poluente.

Para que os barcos fiquem semelhantes aos reais, vou ao porto e verifico os detalhes dos barcos que lá se encontram, observando-os lembro do sonho que tive com *Iza* e fico olhando, o vai e vem dos barcos. Também vejo que algumas mulheres lavam roupas. Lembro-me de minha mãe e recorro os meus sonhos e o encontro comigo mesma - eu na infância, revivendo uma vida passada como em um quase *déjàvu*.

Então busco colocar nos barcos detalhes contidos nos reais, reproduzindo na melhor forma que posso. É um tanto difícil, porém eu sei que consigo, pois como aprendi na infância confeccionar com meus irmãos e o meu pai, eu tenho apenas que recordar o como fazer.



Figura 12. Protótipo do barco. Foto de Maria José Santos Dias.

Figura 13. Barcos que embasa os emborrachados.

Como eu dançarei o rio, ou seja, as águas preciosas do meu amado Rio São Francisco, decido colocar o nome da coreografia de *ÁGUAS EM MIM* lembrando a fala de minha vó, quando, para me consolar, disse que eu era uma pequena cachoeira e que as águas estavam em

mim. Depois de decidir sobre o nome, fazer e pintar os barcos. Desenho o vestido, semelhante ao vestido da *Mãe D'água* que sonhei na infância.

Compro o tecido e peço para uma costureira fazê-lo. Eu continuo com os ensaios, tanto das músicas como da coreografia. Faço uma linda carta ao meu querido Rio que me dará base para iniciar a apresentação. A montagem, a cada dia, ganha mais sentido, tanto nos movimentos quanto nas canções, se bem que muitas das canções foram cortadas pelo *senhor J.R.*



Figura 14. Croqui do figurino. Foto: Maria José Santos Dias.

Ainda faltam algumas coisas. Um conto. Lembro-me dos sonhos da minha infância, então convido a pequena *Mazé* para mergulhar comigo e transformar as aventuras vivenciadas nos sonhos sonhados e faço um lindo conto para narrar, baseado no sonho que tive com o *Menino Mágico* que ora ele é peixe, ora é um pássaro, e como peixe me leva para conhecer os tesouros de *Mãe D'água*.

Penso também na iluminação. Quero um caminho de luz, no chão, em diagonal, por onde eu irei me deslocar, do ponto de início – onde eu estarei deitada na posição fetal e depois, permaneceria parada na segunda posição de *grand pliê* por dois minutos – me desloco até o proscênio direito, em movimentos de água, uma água no seu início como uma gota d'água caindo e escorregando até cair no grande vão, depois vai se formando um grande rio caudaloso, carregado de barcos com suas velas. Ao chegar ao porto, onde irei me desvestir do Rio – parte

do figurino estruturado como uma grande cauda que será arrastada por mim, trazendo os barcos sobre si – e cantar uma canção de trabalho das plantadoras de arroz.

Precisaria de alguns pontos fixos, para pontuar a saída e a chegada desse percurso, o local onde eu narraria o conto – já no meio do proscênio – e onde finalizarei, cantando algo que me trouxesse para o tempo do agora. A música pensada foi *A volta que o mundo dá*, de Paulo César Pinheiro. Agora que tenho tudo definido, é hora de organizar e limpar os movimentos. Repetir, repetir e repetir.

5.4 O Grande Dia

Hoje estou muito ansiosa, tudo está pronto, conferido. Estou pronta para apresentar. Escuto gritos e muitos risos. Vozes de crianças ansiosas, assim como eu. EU *Mazé*, estou um misto de sentimentos. É como se eu e outras eu nos conectássemos e nos fundíssemos. Ansiosa escuto os gritos das crianças. Elas estão esperando por mim. Meu coração bate acelerado, meu ser sente medo, mas eu sou um rio, e um rio não pára mediante desafios.

Entro no palco e como em um sonho, me vejo deitada no palco esperando o texto escrito por mim de uma forma sonhadora que só uma menina ribeirinha pode escrever. Ele está sendo narrado pela minha amiga irmã Dalva. Sua voz linda declama as minhas palavras, de uma forma mágica, ela me conforta e me dá confiança. Respiro fundo e assim que o vídeo termina com a narração de minhas aventuras com o rio, uma luz se ascende em cima de mim. Eu me levanto calmamente, e ouço vozes sussurrantes de criança que dizem “é uma sereia”.

Inicia-se a trilha sonora. Um pingo d’água cai e bem no meu íntimo iniciam-se pequenos movimentos de uma pequena panela d’água que vão surgindo bem no meu baixo-ventre. Esta vai ganhando movimentos suaves e à medida que vão aumentando os movimentos, estes vão passando para todo o corpo e se transformando no rio. Eu puxo um rio com muitos barcos à vela. O meu corpo movimenta-se como água. Neste momento, eu sou o próprio rio. Um rio caudaloso, que atravessa em diagonal o palco.

Eu sou o Rio e o Rio está em cena. Meu corpo é a própria água. Saem de mim os sons de uma água frenética, batendo contra o cais. As águas em mim estão ferozes. Ao mesmo tempo eu estou serena, suave e calma. Eu sou o rio, o rio está em mim.

Meu corpo está em movimento como águas agitadas, mas meu coração está calmo, sereno, como o meu olhar de criança olhando as águas do rio. Eu sou, agora, o rio. Eu rompo desafios. E como um rio que abraça o mar, eu me vejo encontrando o mar e me acalmo. Sinto-me apenas como ondas suaves e mansas das lagoas ou do Rio ao amanhecer, mas que a qualquer

momento se inquieta com a chegada dos ventos ou de outras águas e vai embora, ou simplesmente evapora.

Assim, eu chego ao porto do meu rio. Meus barcos os deixo esperando por mim. Agora eu deixo de ser o rio e vou visitar os ribeirinhos. Como uma sábia que conhece o seu povo. Uma contadora de histórias que narra à realidade do meu povo. Canto uma canção de trabalho e bebo desta água que me fez gente, que me batizou que me alimenta e sacia. Corto arroz e canto, bebo mais da água que dá vida e conto a história dos sonhos encantados de criança. Bebo mais um gole desta água e canto. Canto a certeza de que quanto mais longe vou, mais perto me sinto de onde nasci e cresci. Logo depois eu danço e danço, e volto para as águas que me fortalecem que me nutrem e como uma *Mãe D'água* volta para o Rio que me viu nascer e crescer. E que neste momento faz parte de mim, na cena.

Enquanto eu danço, lembro-me dos sorrisos de minha mãe, de sua dança, de minha vó rebolando na sala, do meu tio dançado comigo enquanto eu pisava em seus pés... danço o rio com as lembranças de minha mãe contando história. Dos senhores pescadores contados as anedotas, lembrando-se do meu pai assoviando canções do seu tempo. Enquanto eu danço, comigo dançam as mulheres lavadeiras de roupa, as pescadoras e as plantadoras de arroz. Eu carrego no meu ventre as histórias dessa gente ribeirinha.

E assim, quando eu termino a apresentação eu olho para a plateia e vejo, no semblante das pessoas que estão ali, rostos conhecidos de quem já se foi, como o de minha mãe. De alguma forma, percebo essas pessoas presentes, juntas à plateia, incorporadas a esta.

Eu posso ouvir, sussurrando no meu ouvido, pelos lábios de uma linda menina, que me abraça fortemente e diz: “gostei muito do seu trabalho, o seu espetáculo é maravilhoso”. E aquela menina traz nos seus olhos o mesmo encanto que eu tinha ao ouvir a minha mãe contando histórias às tardinhas. E eu sonhava em aprender a ler e então conhecer o encanto e a magia das letras da vida, os sonhos dos mundos encantados. No entanto, percebo que existem dois tipos de saberes. Um, vem das letras. Esse precisei buscar nos livros, na academia. Mas, existe outro que está em mim. Este, fui buscar na minha infância. Juntando esses saberes, complementares, danço *Águas em mim - Um Rio em Cena*.



Figura 15. Abraço de gratidão. Ilustração digital de Carmem Roberta.

6. Fundamentação Teórica

A metodologia escolhida para este trabalho é embasada no *Manifesto pela Pesquisa Performativa* de Brad Haseman (2015). Este texto nos dá pistas de como adentrar em uma escrita artístico-acadêmica, e aponta caminhos para que os artistas possam escrever com mais suavidade e leveza os resultados da pesquisa.

Adentrando pelo viés da pesquisa performativa, que é uma terceira categoria de pesquisa (diferenciando-se das pesquisas quantitativas e qualitativas), esta vem dar melhor possibilidade de estudo e de escrita aos artistas pesquisadores, sobre como conduzir a sua pesquisa, permitindo que o resultado da pesquisa venha a ser apresentado em formas simbólicas, valorizando os dados sensíveis de uma pesquisa artística e se diferenciando do padrão acadêmico usual. Há uma permissividade para que o fazer artístico constitua a própria pesquisa

que se apresenta ao *leitor/fruidor* de maneiras diversas. E no presente trabalho, ousou escrevê-lo em forma de conto infantil.

Neste, busco deixar a pesquisa de uma forma suave, leve e de fácil compreensão, dando ao leitor a possibilidade de fazer a leitura da pesquisa sentido a presença da pesquisadora em ação - em busca de encontrar o como realizar a sua pesquisa. Ou seja, convido o/a leitor/a para adentrar a pesquisa acompanhando o meu processo de descoberta da melhor forma de desenvolver a Montagem Cênica, embasada em conhecimentos teóricos e empíricos. Opto, assim, por embasar-me e discorrer a escrita do relato de experiência, pelo viés da pesquisa performativa, visto que essa me dá aporte para escrever o conto.

A principal distinção entre essa terceira categoria e as categorias qualitativa e quantitativa é encontrada na maneira que ela escolhe para expressar seus resultados. Nesse caso, enquanto os resultados estão expressos em dados não numéricos, ela os apresenta como formas simbólicas, diferentes de palavras de um texto discursivo. No lugar de relatórios de pesquisa, nesse paradigma acontecem ricas formas de apresentação. (...) E, assim, quando os resultados da pesquisa são organizados como formas de apresentação, eles implantam dados simbólicos nas formas materiais da prática; formas de imagens fixas e em movimento; formas de música e som; formas de ação ao vivo e código digital. Quando uma forma de apresentação é usada para relatar uma pesquisa, pode-se argumentar que ela é na verdade um “texto” – da mesma forma que qualquer objeto ou discurso cuja função é comunicativa pode ser considerado um texto – e deve ser entendida como tal dentro da tradição qualitativa. (HASEMAN, 2015, p.46)

Embasada no que aponta o Manifesto, adentro a escrita desta experiência simbólica do “conto – relato” que narra os caminhos da pesquisa percorridos desde os primeiros estudos realizados para a formação da performance, até a primeira estreia no palco. No conto, o leitor pode ativar o imaginário e ver os personagens em movimento. Dou vida e voz à protagonista *Mazé* para que ela faça a investigação dos movimentos e nos mostre o caminho percorrido até a Montagem Cênica.

Busquei fazer uma narrativa que traduza de maneira lúdica e poética a trajetória da dançarina pesquisadora, que vai em busca de encontrar algo maior que a estimule a fazer a sua pesquisa, e que tal “algo” a faça dançar.

Assim sendo, disponho-me de códigos de movimento de dança aprendidos, tanto no curso, quanto os empíricos, que já tinha, genuinamente, adquiridos na infância. Estes são selecionados e implementados na coreografia da Montagem Cênica. Amparo-me no que o *Manifesto pela Pesquisa Performativa* (HASEMAN, 2015) vem me dar de respaldo quando ele coloca que os pesquisadores guiados pela prática podem ser levados pelo que é melhor descrito como “entusiasmos da prática”:

(...) Na verdade, eles podem ser levados por aquilo que é melhor descrito como “um entusiasmo da prática”: algo que é emocionante, algo que pode ser desregulado, ou, de

fato, algo que somente pode tornar-se possível conforme novas tecnologias ou redes permitam (mas das quais eles não podem estar certos). Pesquisadores guiados-pela-prática constroem pontos de partida empíricos a partir dos quais a prática segue. Eles tendem a “mergulhar”, começar a praticar para ver o que emerge. Eles reconhecem que o que emerge é individualista e idiossincrático. Isso não quer dizer que esses pesquisadores trabalham sem maiores agendas ou aspirações emancipatórias, mas eles evitam as limitações das correções de pequenos problemas e das exigências metodológicas rígidas no primeiro momento de um projeto. (HASEMAN, 2015, p.44).

O relato – conto, utiliza-se da pesquisa performativa como fundamentação da escrita desse trabalho - utilizando-se de dados simbólicos e experiências empíricas que compõem a escrita do texto, e convidando o/a leitor/a para ser co-pesquisador da coreografia, descobrindo ao longo da leitura, maneiras possíveis de “Como Dançar o Rio”.

A segunda característica de pesquisadores guiados-pela-prática reside na sua insistência de que os resultados da investigação e as reivindicações de conhecimento devem ser feitos através da linguagem simbólica e forma de sua prática. Eles têm pouco interesse em tentar traduzir as conclusões e entendimentos da prática nos números (quantitativa) e palavras (qualitativa) preferidos pelos paradigmas tradicionais de investigação. Isso significa, por exemplo, que o romancista guiado-pela-prática afirma a primazia do romance; para o designer de interação 3-D, ela é o código de computador e a experiência de jogar o jogo; para o compositor, é a música; e para o coreógrafo, é a dança. Essa insistência em relatar a pesquisa através dos resultados e formatos materiais da prática desafia as formas tradicionais de representação da reivindicação de conhecimento. Significa ainda que as pessoas que desejam avaliar os resultados da pesquisa também precisam experimentá-los de forma direta (copresença) ou indireta (assíncrono, gravado). (HASEMAN, 2015, p.45).

Ao escrever o conto, eu dou ao leitor, se assim ele desejar, a possibilidade para que ele pesquise em seu corpo e descubra movimentos dançantes. A partir de lembranças e vivências da sua infância. É um privilégio meu, como dançarina pesquisadora, buscar em mim mesma os movimentos já codificados e apreendidos, escritos na memória do corpo entre a derme e a epiderme. O conto *Mazé em: Águas em Mim - Um Rio em Cena* nos mostra como *Mazé* encontra esse caminho.

Para escrever o meu trabalho busco também inspiração no conto *Cora Decide Dançar*, monografia de conclusão de curso de Ana Carolina Klacewicz (2016). A autora também escreve um conto, para assim descrever um possível caminho para a composição coreográfica. Ela traz para o conto a relação da protagonista *Cora* com as coreógrafas Trisha Brown, Pina Bausch e o coreógrafo Merce Cunningham.

O título deste Trabalho de Conclusão de Curso - *Cora decide dançar...* - diz respeito ao texto literário, no qual a personagem protagonista, *Cora*, em suas aventuras pelo Mundo da Palavra Dançada, encontra e dialoga com alguns personagens inspirados em coreógrafos reconhecidos por seus métodos de composição coreográfica, como Merce Cunningham, Pina Bausch e Trisha Brown. Além de ver-se frente a frente com esses experientes criadores, *Cora* encontra amigos, que também procuram entender e aprender como o movimento funciona em seus corpos de iniciantes. A protagonista também encontra seres mágicos que a instigam, animam-na e, às vezes,

ajudam-na a continuar descobrindo e exercitando seus gestos e movimentos. (KLACEWICZ, 2016, p.11).

Cada coreógrafo indica um caminho diferente para *Cora*, mas, que chegam ao mesmo lugar, à Dança. A autora escolhe os coreógrafos e traça diálogos entre *Cora* e eles. *Cora* vai encontrando novas possibilidades para criar a sua composição coreográfica. Ana Carolina Klacewicz analisa os coreógrafos e busca formular as melhores frases para que o diálogo entre *Cora* e os coreógrafos tenha coerência e sejam compatíveis com o que ela propôs. Aqui coloco fragmentos do diálogo entre *Cora* e *Can* – personagem inspirado em Merce Cunningham:

Às vezes é interessante sair de si mesmo! Quando tu te deixa sair, é possível aprender coisas novas. Não tem problema tu gostar do que fazia em Palavra Escrita, mas se tu só faz o que se faz lá, ficará presa e nunca fará nada diferente. Mas as Vrúscas me mandaram para cá e eu não sei nada daqui. Me sinto esquisita... Seja o mais livre possível, permita-se ter seus próprios sentimentos. *Cora*, o único jeito de fazer algo é fazendo. Insista... (KLACEWICZ, 2016, p. 42).

Esse diálogo de *Cora* e *Can* me leva a pensar na possibilidade de escrever o conto, como forma de relatar a experiência vivenciada na criação da montagem. Neste diálogo, encontro coragem para escrever e acreditar que eu só consigo, se eu tentar. Então eu escrevo o meu conto com algumas relações com o conto *Cora Decide Dançar*. Meu conto também se constitui de um diálogo entre *Mazé* e coreógrafos e pesquisadores da dança.

A autora Ana Carolina Klacewicz leva *Cora* a dialogar com os coreógrafos estudados e pesquisados por ela. Estes ajudam *Cora* e suas amigas, *Laura* e *Úrsula* a encontrarem-se no mundo de *Palavra Dançada*, e assim encontrarem o caminho da composição coreográfica. Compondo a sua própria coreografia.

Pensei em Merce Cunningham e Pina Bausch tanto por suas diferenças nos processos de composição coreográfica, bem como por serem precursores de novos modos de pensar a criação. Além disso, o intuito desse trabalho de pesquisa é manipular o material já existente sobre os artistas e não produzi-los. (...) Aqui opto por Trisha Brown, por tratar “apenas” da improvisação como método de criação. Defino, assim, os três coreógrafos que servirão de inspiração para os personagens histórico-ficcionais de *Cora decide dançar*... Merce Cunningham (1919 – 2009), Pina Bausch (1940 – 2009) e Trisha Brown (1936) pertencem, sem dúvida, aos cânones da História da Dança, não necessariamente pelo sucesso que tiveram em seu tempo, mas por trabalharem arduamente em suas criações e por instaurarem novos pensamentos, novas interpretações a partir dos contextos em que produziam e por, de fato, terem trabalhado bastante para estabelecer um pensamento de abertura. (KLACEWICZ, 2016 p.28).

Mazé assim como *Cora* vive a angústia do desconhecido, questiona qual caminho percorrer, e recebe a contribuição do professor-orientador *J.R* e de sua amiga *Iza* (inspirada na

Bailarina Isadora Duncan⁵). Estes dão dicas para seguir e descobrir o caminho da dança rumo à criação da montagem cênica.

Iza ajuda *Mazé* a se encontrar consigo mesma. *Mazé* continua angustiada depois do diálogo com *Iza*, mas, alguma coisa provoca-lhe mergulhar em sua memória da infância, que, por sua vez, a leva a reviver as suas lembranças de criança. *Mazé* vive três realidades, sendo duas no mundo dos sonhos e uma na realidade do aqui e agora.

Mazé encontra *Iza* em sonho, conversa sobre a angústia e o dilema para descobrir a fórmula de fazer a coreografia da dança e então dançar as águas do grande rio. Ao dialogar com *Iza*, *Mazé* escuta os conselhos da amiga que a leva a pensar numa forma de fazer essa dança.

Em um sonho mais a profundo, *Mazé* adentra as descobertas dos códigos da dança que estão guardados em seu corpo, nas memórias de infância, e para fazer parte do processo e dialogar com ela, *Mazé* recebe diversas visitas – personagens que simbolizam as mulheres e amigos da família, ou ainda, seres fantásticos que habitam o imaginário coletivo - e junto a essas várias personas, *Mazé* vai narrando um “Conto – Relato”.

Mazé é a própria pesquisadora e coreógrafa, ela/eu tira da natureza os movimentos e investiga no corpo, e ao mesmo tempo, compartilha com as suas amigas os movimentos pesquisados e descoberto por ela/mim.

Cora personagem do conto de *Cora decide Dançar* vem participar do meu conto adentrando o sonho de *Mazé* e aprende com ela novos movimentos para dançar. *Mazé* a ensina a dançar a partir dos movimentos da natureza. Ela observa os movimentos dos lençóis sendo agitados pelo vento no varal e dança. Observa o movimento da água ao se formar uma panela d'água, e reinventa lindos e divertidos movimento circulares e espiralados. Observa as mulheres lavarem roupas e deles tira as torções e variações de tônus muscular. Observa a água batendo no cais improvisado pelo pai e tira movimentos frenéticos.

Mazé e suas amigas fluem com os movimentos das águas, ora suaves como as águas serenas do rio adormecido, ora furiosas e frenéticas como as águas agitadas pelo vento batendo à beira do cais. *Mazé* brinca com *Cora* e *Kame* na maré baixa e juntas, elas deslizam na lama fina formada sobre a areia firme da beira do rio, descobrindo os movimentos acelerados e contínuos.

⁵ **Isadora Duncan**, bailarina norte-americana,(1877-1927) foi pioneira da dança moderna. Criou uma dança livre das técnicas do balé clássico e se apresentava com trajes esvoaçantes, cabelos soltos e pés descalços. Precursora da dança moderna ainda adolescente, Isadora começou a criar um estilo de dança que revolucionaria o panorama da dança do espetáculo e quebrar com todas as convenções do balé Clássico. Sua técnica tinha como base os movimentos naturais do corpo, como andar, correr e saltar levando improvisação e espontaneidade para a sua arte, que se tornaram as principais características do seu modo de dançar. Disponível em: <www.ebiografia.com/isadora_duncan/> Acesso em: 21 de abril de 2021.

As amigas *Cora* e *Kame* sabem dançar, mas, se encantam com as novas descobertas. Apesar de *Cora* ter tido encontros maravilhosos com os renomados coreógrafos, fica encantada com os incentivos dançantes encontrados nas vivências de *Mazé*. Essa relação de descobertas leva *Mazé* a encontrar o caminho para a Montagem Cênica. Os incentivos para a criação da pesquisa afloram através das memórias infantis de *Mazé*.

Kame, que é personagem inspirada na professora das disciplinas *Composição Coreográfica* e *Montagem Cênica*, Kamilla Mesquita Oliveira que participa no conto como criança, e como é criança, permite-se adentrar nesse sonho de infância, dialogando e instigando *Mazé* a continuar com as descobertas dos movimentos, através de perguntas curiosas, feita com a curiosidade de criança.

Outro incentivo para recorrer as minhas memórias infantis foi o livro da dançarina, pesquisadora e professora P.h.D. Nadir Nóbrega Oliveira - *Sou Negona, Sim Senhora*. Observei a importância que ela dá as suas raízes, valorizando sua família, falando da sua infância, da vida simples no bairro do Uruguai na cidade de São Salvador- Bahia. As idas às festas, as novenas com seus avós, o avô que toca o violão e a vó que samba. Esse carinho que ela dedica em descrever sua infância com a sua família cria uma atmosfera de aproximação entre autora e leitores. Ela nos mostra uma relação de amor e pertencimento, sem nenhum acanhamento de nos mostrar: de onde vem e para onde vai e quais/quem são as suas raízes.

(...) história de vida no bairro do Uruguai no convívio do meu lar, construído pelos meus avós maternos Edelvira e Manuel. Acredito que, desde criança, já tinha sensibilidade para a arte, estimulada pelos meus familiares. O meu avô gostava de tocar violão e minha avó de sambar e frequentar as festas de largo e procissão. Naquela época, já me emocionava ao percorrer o bairro do Uruguai, para ver os altares de Santo Antônio, criativamente, ornados com papel crepom e laminados, de comer caruru de Cosme e Damião na bacia sobre uma toalha branca dividida para crianças que ficam todas sentadas no chão e com os adultos a sua volta, cantando para estes santos gêmeos. (OLIVEIRA, 2017, p. 10).

Nadir Nóbrega Oliveira me estimula a demonstrar no conto *Mazé em: Águas em Mim – Um Rio em Cena*, a minha vida dançante já existente, mesmo antes de vir para a universidade, ou seja, os movimentos naturais da infância. Pois, valorizar nossas raízes é o maior dos incentivos que a professora Nadir Nóbrega faz questão de nos ensinar. Ela nos falava, em aula, quando era professora da disciplina *Orientação de Estágio*, no curso de Licenciatura em Dança na Universidade Federal de Alagoas, que não devemos esquecer de quem somos, de onde viemos e de onde pertencemos. Não devemos envergonhar-nos de nossa cor, de nossa gente. E nos valorizar é gerar visibilidade de quem somos.

Quando eu fazia a disciplina *Dança Étnica Racial*, uma eletiva que Nadir Nóbrega também lecionava no curso de Licenciatura em Dança, ela nos ensinava que, ao nos

conhecermos e darmos importância as nossas raízes, nos tornamos dignos de quem somos. *Mazé* não se envergonha de ser preta, ter cabelo cacheadinho e olhos sonolentos. Não tem vergonha de sua família nem de onde mora. Ela fica feliz em ser quem é, e de seus conhecimentos aprendidos com a sua família. Ensina de um jeito que só ela sabe ensinar o que aprendeu, ensina brincando e compartilhando seus saberes empíricos com suas amigas e irmãs.

Mazé, menina preta, ribeirinha, filha de pescador e agricultor, sonha em ser artista, cantar, fazer teatro, ser dançarina. Quer conhecer o mundo das letras, da magia, do conhecimento dos grandes sábios. E como uma grande sábia, se expressa na dança, dançando as águas da infância. *Mazé* dança globalmente, o corpo inteiro ao movimento da dança. Ela é criança, menina que sabe fluir sem grande preocupação, acreditando apenas na sabedoria do seu corpo, buscando respostas para sua curiosidade.

Faço uso, também, do artigo de Maria José Lopes da Silva (2005) em sua pesquisa *As Artes e a Diversidade Étnico-cultural na Escola Básica*, que discute como trabalhar as artes no ensino fundamental. Muito embora não esteja falando aqui sobre o ensino da dança na escola, estou falando da expressividade do movimento do corpo de *Mazé* e como a mesma dança globalmente os seus genuínos movimentos.

Outra leitura que reforça essa minha compreensão do dançar negro, foi à obra de Maria José Lopes da Silva (2005), que apresenta a Dança mostrando a importância que o africano dá ao corpo. Segundo ela: “o africano considera o seu corpo globalmente. Cada gesto é vivido como simples elemento de expressão humana” (SILVA, 2005, p.138). *Mazé* dança globalmente, envolvendo-se nos movimentos genuínos do corpo, pois o corpo foi feito para expressar-se. E esta cria gestos que ao repeti-los e codificá-los podem se tornar material criativo uma coreografia. Maria José Lopes Silva aponta no seu artigo que:

A dança está presente em todas as atividades cotidianas do homem e da mulher africana: na caça, na pesca, no trato com a terra, nas cerimônias de casamento, de nascimento, nos rituais de passagem da adolescência a idade adulta, e até mesmos na morte. (SILVA, 2005, p.139).

Mazé constrói a coreografia fazendo uso de movimentos codificados que estavam arquivados na memória do seu corpo. Ao despertá-los, ela revisita-os e acessa-os, tornando mais fácil a compreensão dos movimentos que serão utilizados na criação da coreografia.

A arte africana e particularmente suas danças, suas músicas, suas máscaras, encerram o seguinte sentido: a dança – e todas as artes que dela se originam ou acompanham, do canto a escultura a pesca – tem por objetivo capturar a força viva cósmica e transcendental que nasce dos esforços ritmados do corpo. (SILVA, 2005, p138).

A autora Silva me leva a entender que colocá-lo a arte do africano está nas atividades do dia – a – dia. *Mazé* também se utiliza dos seus conhecimentos cotidianos para estudar e montar a sua coreografia. Voltar-se a si mesma, e revisitar-se para compreender o movimento. Deixar-se fluir para fluir. Os movimentos das águas fluindo misturados com torções semelhantes àquelas pesquisadas no torcer das roupas, contrações, gestos, olhar sereno, sons que saem de dentro de si, força expressiva. Torce, contorce, flui, canta e encena. Conta história, canta e dança. Movimentos cotidianos que se tornam coreografia.

Outra pesquisadora dançarina que relaciona as atividades cotidianas e culturais do povo africano para dançar é a professora, Inaicyrá Falcão dos Santos, autora do livro: *Corpo e Ancestralidade – Uma proposta pluricultural de dança – arte – educação*. Inaicyrá adentra as pesquisas do ensino – aprendizagem do tambor batá nos falando do ensino-aprendizagem do povo africano. Segundo ela, “o africano inicia-se pela imitação” (SANTOS, 2015, p.70) e eu poderia complementar dizendo que pela observação e repetição, que caracteriza o aprendizado de *Mazé*.

Ela observa as atividades cotidianas realizadas pela sua família, e escuta os ensinamentos de sua família, que junto com as amigas e irmãs aprendem por imitação e repetição dos gestos e movimentos cotidianos, para assim fazerem as suas danças. Repetindo os movimentos até cansar, *Mazé* os ressignifica e os transforma em dança. Inaicyrá afirma que “os movimentos são usados dentro das possibilidades do corpo humano, além de gestos, inclinações, extensões, torções e giros. Essas atividades são combinadas com a locomoção: andar, correr, pular cair (sem falar das posições estáticas)”. (SANTOS, 2015, p.102).

No conto, *Mazé*, ao retornar dos sonhos e se encontrar no aqui e agora, ela analisa os sonhos e coloca em prática as memórias agora despertadas e afloradas. *Mazé* combina os movimentos com canções e conto para formar a Montagem Cênica. Ao se locomover no espaço, *Mazé* deixa-se fluir como se fosse a própria água fluindo.

O artigo *Construindo a Auto-estima da Criança Negra* de Inaldete Pinheiro de Andrade (2005) alerta para os contos que denigrem a imagem da criança preta. O conto criado para *Mazé* na dança foi pensado com cuidado para não deixar “ponta” de racismo. Apesar de seu foco ser a dança, ou seja, o relato de experiência do processo da Montagem Cênica, o conto aponta, também, relações de valores e respeitos pela sua família e sua ancestralidade. Apenas um comentário em tom de curiosidade sobre a cor de *Mazé* é feita pelo fato dela estar no sol.

Lembro-me que uma sobrinha minha, que na infância vivia em apartamento, e por ser muito branquinha, quase albina, me perguntou em sua inocência dos três anos, se eu tinha ficado pretinha por estar muito no sol. Somos muito próximas na idade, não me lembro da minha

resposta, pois éramos pequenas. Mas dou a *Mazé* a melhor resposta que uma criança poderia dar.

Deixo esse diálogo entre as meninas-personagens, e assim faço com que *Mazé* explique de seu jeito genuíno e o porquê de sua cor, e que esse diálogo não expresse qualquer tipo de preconceito racial. E pelo contrário, leva *Mazé* a apresentar a sua família e a relação da mesma com a vivência ribeirinha. As meninas se entendem sem denegrir a origem nem a cor umas das outras. O que importa entre elas são as descobertas da relação da vida ribeirinha com a dança.

7. Considerações Finais

Aqui, temporariamente findo este trabalho que propus escrever, ressaltando que me dediquei a fazer este relato de experiência em formato de conto, buscando demonstrar, por meio de dados simbólicos, que temos ao menos dois tipos de aprendizados - os empíricos, que se iniciam na nossa infância, em casa com os nossos familiares, com as descobertas dos movimentos através das brincadeiras, dos gestos cotidianos, dos sons da natureza, e com a própria natureza; e os conhecimentos escolares e acadêmicos - as técnicas codificadas pelos pesquisadores e pensadores da dança. Respondendo assim as indagações de *Mazé*: como *dançar o rio*? Como fazer essa dança? Quais os tipos de movimentos seriam dançados?

Mazé no conto responde essas perguntas, afirmando que para dançar é deixar o corpo livre, e livra-se de crenças tais como: eu não consigo dançar ou fazer essa dança. Abandonar as preocupações com o perfeito e simples ato de fazer. Pois só fazendo é que descobrimos que sabemos fazer. É fazendo que percebemos, que mesmo que seja um pouco difícil, tudo pode dar certo. E dando certo, ainda pode melhorar, pois, o brilho de uma pedra está na lapidação perfeita. Mas, não é necessário estar perfeito para ser mostrado, pois a beleza também está no rústico, no processo. Então dance com a sabedoria do seu corpo e vá descobrindo onde pode ser lapidado. Mas, não esqueça que uma pedra rústica tem o seu valor.

A pesquisa Performativa de Brad Haseman (2015) nos ajuda entender e valorizar os nossos conhecimentos empíricos. E eu sou muito grata por ter tido acesso a essa nova maneira de pesquisa, que talvez já tenha se iniciado lá atrás, na escrita do diário de bordo no formato de uma carta, escrita e endereçada para um amigo fictício. A carta/diário de bordo, explica como foram os estudos da disciplina *Composição Coreográficos*, e este diário de bordo, escrito de uma forma poética, vem descrevendo uma relação minha com o meu mundo de infância, nascendo e vivendo às margens do baixo Rio São Francisco, e estabelecendo relações entre minhas vivências e os estudos na disciplina.

Bem! Como o texto era muito grande e perdeu a forma poética, fui orientada pelo professor-orientador da *Montagem Cênica* José Rafael Madureira que fizesse um recorte do texto e enxugasse ao máximo para ser colocado na coreografia da *Montagem Cênica*. E é esse o texto que reescrevo para ser colocado na monografia do meu Trabalho de Conclusão de Curso – *Carta ao Meu Amigo Rio* - antes da trajetória do conto. Ou seja, o texto não está completo na íntegra, mas, mantém a essência da carta/diário de bordo. O conto *Cora decide dançar* e a carta/diário de bordo, são o elo que me conectam com o fio da escrita, com a *Montagem Cênica* (que também possui um conto – *O Tesouro de Mãe D'Água*) e o conto – *Relato de Experiência*,

assim como toda a monografia. Fui fazendo como se eu estivesse tecendo uma blusa de lã. Com um fio, fui tecendo todas as outras coisas.

Com os conhecimentos da infância e do decorrer da vida, pude correlacionar com as técnicas e imbricá-las formando a coreografia. *Iza* (Isadora) nos convida a ser livre, e eu vou com ela buscar essa liberdade e recordar os movimentos adormecidos. Ser sábia como Isadora Duncan que foi uma das pioneiras da dança, e a mesma prezava por uma dança livre de padrões. Era pesquisadora do movimento do corpo, e sua técnica se baseava nos movimentos naturais, como correr, andar, saltar. Era espontânea e improvisava em sua dança. Sua vestimenta esvoaçante e pés no chão são características suas e que também deixo que *Mazé* seja assim.

Então, vejamos que a improvisação é uma das características que estão em todos os coreógrafos pós-modernos citados na monografia de Ana Carolina Klacewicz - no conto *Cora decide dançar* e, também, no processo de Isadora Duncan. É *Iza* quem abre para *Mazé* o portal do reconhecimento de que ela pode mergulhar nas suas memórias e, assim, brincando, descobrir as técnicas dos movimentos. E então, improvisar, estimular e despertar os movimentos da dança no corpo, indo buscar no mais profundo da memória os códigos apreendidos pelo corpo.

Nosso corpo tem memórias que despertamos e levamos para a dança, quando precisamos dela. Aprendi sobre essa memória quando iniciava o curso. Na disciplina de *Exercícios Técnicos de Dança I*, lembro que nos primeiros dias de aula na referida disciplina com a professora Dr^a Telma Cesar Cavalcante, ela propunha desenvolver um movimento que é comum para a maioria dos bebês, porém, eu não conseguia fazer, pois eu pulei etapas no meu desenvolvimento infantil. Tive que aprender durante as aulas e isso foi difícil para mim. O que aparentemente parecia fácil para uns, para mim, era muito difícil, pois o meu corpo não conhecia tal movimento.

Naquele momento eu não compreendia o que a professora Dr^a Telma tanto queria que eu aprendesse ou lembrasse, pois, segundo ela, tal movimento deveria estar arquivado em mim. Eu olhava e via meus amigos e amigas executarem o movimento e eu não conseguia. Um dia ela falou com um tom de desapontamento por eu não chegar ao movimento dizendo-me, “que eu estava me boicotando, pois, toda criança fazia tal movimento”. Então, lembrei que mamãe me falava que aos sete meses e meio eu dei os primeiros passos sem passar pelo engatinhar, então eu só sabia rolar, sentar na posição da sereia, levantar e caminhar, essa era a minha memória de movimento de bebê.

Mas... E quanto à memória de água? Essa estava e ainda está em mim. E muito ativa, no meu corpo, guardada e desperta. A água está no meu cotidiano, aprendi a conviver com a água desde que me entendo por gente. No entanto, mesmo tendo uma longa convivência com

as águas, não foi fácil fazer a coreografia sem me conectar com um passado próximo. Tive que voltar as águas para fazer o meu corpo recordar essa memória e ir além e, de fato, despertar em sonhos lembranças da infância. Pegar essas lembranças e imbricar com os conhecimentos aprendidos com a vida no cotidiano e nos estudos teóricos.

Então, foi imbricando que pensei, formulei e ensaiei a coreografia e, também pensei e construí os objetos de cena. Todo o cenário, a iluminação, tudo foi pensado e imbricado no mesmo espaço. Escolhi deixar todo o cenário colocado na roda do vestido que simbolizava o Rio.

Nas aulas de *Composição Coreográfica II* a professora Kamilla nos apresentou Pina Busch e o seu trabalho *Café Müller*, com a sua dança entre obstáculos representados por cadeiras, e movimentos repetitivos. Então deixo que *Mazé* repita os movimentos até codificá-los. Também assistimos *Accumulation with Talking plus Water Motor* de Trisha Brown. Neste vídeo, pude ver os acúmulos de movimentos e que apesar de todos os movimentos que Trisha ia acumulando, ela não esquecia nem abandonava os movimentos da matriz de movimento e além de acumular movimentos, ela incluiu sons. Então destaco aqui, que a minha *Montagem Cênica* também se inspira livremente nestes dois trabalhos e suas estratégias criativas: repetição e acumulação.

Permito que *Mazé* coloque as repetições de movimento sem perder a matriz do movimento inicial, e ainda acrescentado os sons, os acúmulos de movimento e toda a dramaturgia que vai se cosendo junto ao vestido, barcos, contos e músicas que passam a compor *Águas em Mim*.

As repetições e acúmulos estão imbricados na coreografia, sem falar na improvisação tanto no movimento, como na interação com a plateia. Dançar, deslizar, fluir como um rio, deixar que esse rio saia como um parto de dentro de mim. Sussurrando o som do rio, batendo no cais do porto.

Então, acumulam-se no figurino os barquinhos coloridos com as suas velas coloridas. Os sonhos e os contos e anedotas ribeirinhas. Acumula-se a força e a resistência do povo ribeirinho. Acumula-se a música cantada na labuta do cultivo do arroz e na pesca, as rezas, os saberes guardados nas saias das mulheres e no pote de água retirado do rio.

Então, eu danço com o que é de mais natural no meu ser. Danço com os estímulos da natureza com os quais tenho contato. Danço com a vontade de ser água que me move e está em mim. Danço com as histórias por minha mãe contadas, guardadas na memória. Danço com o balançar das saias das senhoras, mulheres que trazem os saberes da ancestralidade, na memória de seu canto de trabalho.

Danço com o sabor das águas bebidas direto nas cabaças de barro que guardam saberes de seus ancestrais. Eu danço com os movimentos das canoas com suas velas coloridas. O meu conhecimento empírico me leva a dançar, e demonstra na dança a força dos movimentos aprendidos e apreendidos através de estímulos. Eu danço as histórias, os sonhos, os desejos. Danço a alegria de ser criança, menina, mulher, pesquisadora, que buscar ser feliz e então dançar a minha essência, como uma criança feliz de pés descalços.

Meu conhecimento empírico aprendido com os meus pais e com as pessoas da minha comunidade, não somente me levou a dançar, mas, pensar, criar, confeccionar artesanalmente os barcos e velas, e ainda pintá-los, tentando deixá-los o mais próximo da realidade do vivenciado outrora. Estes barcos foram baseados nos que estão no porto da cidade de Piaçabuçu-Al. Desenhei também o croqui do figurino. Tudo foi feito graças aos meus conhecimentos empíricos, e os mesmos emprestados a *Mazé*. É essa memória que, ao ser despertada, estimula a criatividade que eu danço, canto, conto, canto e danço. Porém todo conhecimento empírico se fortifica com as técnicas estudadas e codificadas pelos “Doutores” em dança.

Proponho-me, então, com o presente trabalho, demonstrar para os senhores leitores uma maneira de escrever um conto infantil de caráter poético, mas que não se esquivava de perseguir objetivo da pesquisa - escrever um conto narrando o processo da *Montagem Cênica*, ou seja, um relato de experiência no formato de conto. E eis que surge *Mazé em: Águas em Mim - Um Rio em Cena*.

FIM

8. REFERÊNCIAS

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Carol. A gata Diana na terra do pastoril. Maceió: Imprensa oficial Graciliano Ramos. 2015. ISBN 978-85-62030-86-4

ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. Construindo a auto-estima da criança negra. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Edições MEC/BID/Unesco, 2005. P. 117-123. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf> Acesso em: 21 de abril de 2021.

FERNANDES, Ciane. **O corpo em movimento: sistema Laban/Bartenieff na formação e pesquisa em artes cênicas**. 2ª edição - São Paulo: Annablume, 2006.

FRAZÃO, Dilva. Biografia de Isadora Duncan. 2020. Disponível em: <www.ebiografia.com/isadora_duncan/> Acesso em: 21 de abril de 2021.

FLOYD, Thompson. **Manual de cinesiologia estrutural**. 14. ed. São Paulo: Manole, 2002.

HASELBACHE, Barbara. **Dança, improvisação e movimento: expressão corporal na Educação Física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1989.

HASEMAN, B. **Manifesto pela Pesquisa Performativa**. In: CERASOLI, U. Resumos do V Seminário de Pesquisas em Andamento PPGAC/USP. v. 3.1. São Paulo: PPGAC/USP, 2015.p. 41-53.

KLACEWICZ, Ana Carolina. **CORA DECIDE DANÇAR... Processo de elaboração de material [didático] para composição coreográfica**. Porto Alegre, 2016. Monografia (graduação em Licenciatura em Dança) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

LABAN, Rudolf. **Domínio do Movimento**. Org. Lisa Ullmann. 5. ed. São Paulo: Summus, 1978.

LOPES, Nei. **Kofi e o menino de fogo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2008. ISBN 978-85-347-0422-9

MACHADO, Regina. **O Violino Cigano e outros Contos de Mulheres Sábias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Edições MEC/BID/Unesco, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf> Acesso em: 21 de abril de 2021.

MHLOPHE, Gina, **História da África**. São Paulo. Paulinas, 2007. (coleção tecendo histórias).

OLIVEIRA, Nadir Nóbrega. **Sou negona, sim senhora!** : um olhar nas narrativas práticas espetaculares dos blocos Afro Ilê Aiyê, Olodum, Malê Debalê e Bankoma no carnaval soteropolitano. Maceió: Grafmarques, 2017.

SANTOS, Inaicyra Falcão dos. **Corpo e ancestralidade:** uma proposta pluricultural de dança – arte – educação. 2ª Edição. São Paulo: Terceira Margem, 2006.

SAINT-Exupéry, Antoine de. **O pequeno príncipe.** 34ª. ed. Rio de Janeiro: Agir. 1989.

SILVA, Maria José Lopes da. As artes e a diversidade étnico-cultural na Escola Básica. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola.** Brasília: Edições MEC/BID/Unesco, 2005. P. 125-142. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf> Acesso em: 21 de abril de 2021.

Referências Videográficas

ACCUMULATION WITH Talking plus Water Motor- Trisha Brown. Youtube, 03 de agosto de 2010. Duração: 11:42, sonoro, sem legendas. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4ru_7sxvpY8 Acesso em: 21 de abril de 2021.

PINA BAUSCH Cafe Müller. Youtube, 27 de fevereiro de 2016. Duração: 49:18, sonoro, sem legenda. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WZd2SkydIXA>> Acesso em: 21 de abril de 2021.